

CÍCERO

SOBRE A AMIZADE

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS DE
JOÃO TEODORO D'OLIM MAROTE

Edição Bilíngüe

NOVA ALEXANDRIA

MARCO TÚLIO CÍCERO

SOBRE A AMIZADE
(DE AMICITIA)

Edição bilingüe

Tradução, introdução e notas de
João Teodoro d'Olim Marote

NOVALEXANDRIA

APRESENTAÇÃO

O autor

Político, escritor e orador brilhante, Marco Túlio Cícero (Marcus Tullius Cicero) nasceu em 3 de janeiro de 106 a.C., em Arpino, pequena cidade do Lácio. Sua família pertencia à burguesia local, e fazia parte da ordem equestre. Aos dez anos de idade, foi levado a Roma para completar sua educação. Estudou Literatura Grega, Literatura Latina e Retórica. Recebeu, também, ensinamentos sobre as leis e instituições políticas de Roma, dos melhores mestres da época, entre eles, o grande orador Crasso e o célebre senador e jurista romano, Múcio Cévola.

Quando completou 16 anos, recebeu a *toga virilis* (que marcava, entre os romanos, a passagem do jovem para a maturidade). A partir de então, seus estudos foram-se intensificando. Veio, assim, a assistir às aulas do retórico Molón de Rodes e do acadêmico Filo. Nessa época, passou a frequentar assiduamente as sessões do Fórum, onde teve oportunidade de ouvir os discursos dos maiores oradores da época. Foi, certamente, aí, que se delinearam os primeiros passos daquele que, mais tarde, se tornaria um orador inigualável, cujas lições chegaram à contemporaneidade.

Em 84, escreveu sua primeira obra, *De Inventione*, tratado de Retórica. Em 81, então com 25 anos, ingressou na vida forense, advogando contra um amigo do ditador Sila. No ano seguinte, foi encarregado da difícil defesa de um parricida, contra Crisógono, que funcionava no processo como acusador e era, também, amigo de Sila. Seu sucesso

Título Original: *De Amicitia*

© Copyright, 2006, Editora Nova Alexandria

Todos os direitos reservados.

Editora Nova Alexandria

Av. Dom Pedro I, 840

01552-000 – São Paulo – SP

Fone/fax: (0..11) 6215-6252

Site: www.novaalexandria.com.br

e-mail: novaalexandria@novaalexandria.com.br

Revisão de texto: Maria Clara Barcellos Fontanella

Capa: Luiz Bernardo Jr.

Editoração eletrônica: Wander Camargo da Silva

ISBN 85-7492-129-7

Dados para catalogação

Cícero, Marco Túlio.

Sobre a amizade. Editora Nova Alexandria, São Paulo, 2006

119 p.

Edição bilingüe latim-português – Tradução, introdução e notas de João Teodoro d'Olim Marote

1. Amizade 2. Literatura latina 3. Estoicismo e epicurismo

I. Título II. Autor

CDD 870

nessa causa foi retumbante, trazendo-lhe muitos clientes. Apesar dessa situação promissora, deixou Roma, para fazer-se esquecer, e foi para o Oriente (Grécia e Ásia Menor), lá permanecendo dois anos, a ouvir filósofos e retóricos, completando, assim, sua formação oratória.

Em 77, voltou para Roma. Nesse mesmo ano, casou-se com Terência, que lhe trouxe considerável dote e lhe facilitou a aliança com famílias da alta nobreza. Pouco a pouco, foi galgando posições na vida política da República. Em 75, foi nomeado questor da Sicília, exercendo seu cargo com habilidade e justiça. Graças a esse bom desempenho, pouco tempo depois, o povo siciliano, oprimido cruelmente pelo pretor Verres, recorreu a Cícero, clamando por justiça. A essa altura, edil e personagem popular em Roma, ele aceitou a missão. Compôs, então, as *Verrinas*, discursos que não chegou a pronunciar (71), mas obteve, mesmo assim, ganho de causa. Essa nova vitória projetou-o como o maior orador da época.

Em 68, pronunciou seu primeiro discurso propriamente político, *Pro lege manília*, pleiteando, no Senado, a aprovação de Pompeu como supremo comandante na luta contra Mitrídates. Depois desse discurso, sua fama aumentou ainda mais. Eleito pretor em 66, finalmente alcançou, por aclamação, a meta cobiçada – o consulado – disputando o cargo com Catilina (Lúcio Sérgio Catilina), de quem, antes, fora aliado (63).

Afastando-se dos *demagogos* e de *Catilina*, que os liderava, Cícero pronunciou contra ele quatro violentos discursos (as *Catilinárias*), e conseguiu frustrar a conjuração, obrigando-o a sair de Roma. Mandou, então, executar, sem julgamento, os conspiradores. Devido a essa conduta, claramente inconstitucional, e também, por sua

vaidade e suas duras críticas aos adversários, começou a perder prestígio, apesar de ter sido proclamado o **Pai da Pátria**, pelo Senado. Era um período de crise, também, para a República Romana. Pompeu, a quem Cícero se aliara anteriormente, retornara vitorioso da Ásia, mas não fora bem recebido e estava provisoriamente afastado da vida pública.

No ano 60, César, Pompeu e Crasso formaram o primeiro triunvirato. Cícero, imprudente, fez críticas abertas à atuação dos triunviros. César começou, então, a persegui-lo. À perseguição de César, juntou-se também a de Públio Clódio, tribuno da plebe, que promulgou uma lei punindo quem tivesse condenado alguém à morte, sem julgamento, lei essa que atingia Cícero diretamente. Por essa razão, ele foi obrigado a exilar-se na Tessália, em abril do ano 58.

Em agosto de 57, após 18 meses de exílio, Cícero voltou para Roma sendo recebido entusiasticamente. Não conseguindo, entretanto, espaço político, prudentemente refugiou-se na literatura. Nesse período, compôs *De oratore* (55) e *De Republica* (54). Em 53, foi recebido no colégio dos áugures. Logo depois, foi enviado à Cilícia como governador.

Regressando a Roma, encontrou um estado de iminente guerra civil, devido à ruptura entre César e Pompeu. Depois de muitas hesitações, Cícero foi juntar-se às forças de Pompeu, na Grécia. Como, logo depois, Pompeu foi derrotado por César, Cícero fugiu para Brundísio. Recebeu, entretanto, uma carta de César convidando-o a regressar. Embora perdoado, preferiu afastar-se da política. São desse período todos os seus tratados de filosofia e de

retórica. Nessa mesma época, ocorreu, ainda, o seu divórcio de Terência e a morte de Túlia, sua filha adorada.

Em 44, quando César foi assassinado, mas, em cartas que escreveu, tomou parte na conjuração, mas, em cartas que escreveu, apoiou o ato e ficou esperançoso de que retornaria ao governo. Contudo, diante das atitudes ditatoriais de Marco Antônio proclamando-se sucessor de César, escreveu contra ele as *Filípicas*, 14 discursos, assim chamados, em referência aos que Demóstenes pronunciara, na Grécia, contra Filipe da Macedônia. Por esse motivo, Marco Antônio, ao formar o segundo triunvirato com Otávio e Lépido, exigiu a cabeça do incômodo orador. Os soldados dos triúviro foram encontrá-lo em sua casa de campo, em Fórmia, e o mataram. O grande tribuno morreu com imponente dignidade, em 7 de dezembro de 43. No momento em que cravaram o punhal em seu peito, ele exclamou:

Causa causarum, miserere mei!
Ó - causa das causas, tende piedade de mim!

Ó causa das causas, tende piedade de mim.

Por ordem de Marco Antônio, sua cabeça e suas mãos – aquelas que haviam escrito as *Filípicas* – foram cortadas e expostas nos Rostros, a tribuna para os oradores na praça pública de Roma.

Sua obra

A trajetória de Cícero acompanha a decadência e a queda da República Romana, razão pela qual sua vida e sua obra são muito valiosas para a compreensão desse período. Embora seus estudos filosóficos e morais tenham importância no contexto do pensamento romano, é no terreno da política que sua contribuição é mais relevante,

pois ele colocou a política acima do estudo filosófico. Prova disso é que os únicos períodos de sua vida em que se dedicou a trabalhos filosóficos foram os tempos em que foi forçadamente impedido de tomar parte na política.

Sua obra compreende discursos (advocatórios e políticos), trabalhos de retórica, tratados de filosofia e de política, cartas e poemas.

Dos discursos advocatícios, são famosos o *Pro Roscio* (80), as *Verrinas* (70), contra o pretor Verres; o *Pro Murena* (63), acusado por Sulpício e Catão; o *Pro Archia* (62), em defesa do poeta e da arte; e o *Pro Milone* (52), defendendo Mílo, que havia assassinado Clódio.

Entre os discursos políticos, cumpre citar: as *Catilinárias* (63), contra L. S. Catilina e seus liderados, e as *Filípicas* (44-43), sua obra-prima, contra Marco Antônio.

Dos trabalhos de retórica, os mais citados são: o *De Oratore* (55); o *Brutus* (46); o *De partitione oratoriae* (46-45); o *De optimo genere oratorum* (44), que trata da arte de falar.

Entre os tratados de Filosofia, figuram: as *Tusculanae disputationes* (44), sobre a espiritualidade e a imortalidade da alma; a *De natura Deorum* (44); o *De Officiis* (44), sobre o útil e o honesto; o *De Senectute* (44); o *De Divinatione* (44).

NOTA: Além desses, temos a destacar: o *De Fato* (44) – *Sobre o destino*, já publicado pela Nova Alexandria; e este, o *Laelius* ou *De amicitia* (44) – *Sobre a amizade*, cuja tradução ora apresentamos.

Dos tratados de Política, citaremos: o *De Republica* (54-52) e o *De Legibus* (52), ambos glorificando as leis romanas.

NOTA: Cabe acrescentar, aqui, o *Manual do candidato às eleições*, também publicado pela Nova Alexandria juntamente com os textos *Carta do bom administrador público* e *Pensamentos políticos selecionados*.

A correspondência de Cícero é volumosa (931 cartas) e bem variada

Sobre a amizade

Escrito em 44 a.C., *Sobre a amizade* é um tratado em que Cícero diz estar reproduzindo uma conversa entre Caio Fânio, Quinto Múcio Cévola e Caio Lélcio, na qual este último, entristecido com o falecimento, há pouco ocorrido, de seu amigo Cipião, fala sobre a amizade. O diálogo só existe, efetivamente, em poucas passagens do texto (principalmente, nos capítulos II, VII, VIII e IX), prevalecendo, na verdade, uma exposição de teses sobre o tema.

Suas considerações iniciais versam sobre a imortalidade da alma e, nesse sentido, defende a idéia de que a amizade – que une os justos e virtuosos – sobrepuja a própria morte, uma vez que ela tem a capacidade de perpetuar a memória daqueles que se foram.

Um ponto central de sua exposição (que é recorrente ao longo do tratado) é o estreito vínculo entre amizade e virtude, entendida esta última como inerente à própria natureza. A virtude, desse modo, é o eixo que Cícero utiliza para questionar a tese do utilitarismo da amizade – no sentido de que esta nasceria e sobreviveria com o atendimento de conveniências mútuas – e, igualmente, sobre a

questão do prazer. Colocando-se ao lado dos estóicos romanos, Cícero apresenta uma crítica corrosiva de uma visão supostamente "epicurista", disseminada popularmente. Vale assinalar que, nessa época, gregos que se autodenominavam filósofos – e que, efetivamente, caracterizavam-se mais como charlatães –, vinham a Roma oferecer à elite uma filosofia do prazer, que era, na verdade, uma justificativa para o desbragamento moral que grassava na República, já em processo de decadência.

O tratado discute, também, as diferentes formas de amizade, algumas, alimentadas pelas circunstâncias – sendo, portanto, vulgares e superficiais – e, outras, mais profundas e sofisticadas. Claro que estas últimas são as melhores, pois estabelecem valores e princípios regidos por imperativos morais a serviço das relações. A amizade, segundo Cícero, também pode vencer barreiras relativas a distintas condições sociais ou a diferenças de idade, desde que orientada para o bem comum entre os amigos e, mais uma vez, pela virtude.

João Teodoro d'Olim Marote
Professor titular da Faculdade de Educação da USP

1. HOCUOS

1 Q. Mucius augur multa narrare de C. Laelio socero suo memoriter et iucunde solebat nec dubitare illum in omni sermone appellare sapientem; ego autem a patre ita eram deductus ad Scaevolam, sumpta viriliter toga, ut, quoad possem et liceret, a senis latere numquam discederem; itaque multa ab eo prudenter disputata, multa etiam breviter et commode dicta memoriae mandabam fierique studebam eius prudentiae doctior. Quo mortuo, me ad pontificem Scaevolam contuli, quem unum nostrae civitatis et ingenio et iustitia praestantissimum audeo dicere. Sed de hoc alias; nunc redeo ad augurem.

2 Cum saepe multa, tum meminí domi in hemicyclio sedentem, ut solebat, cum et ego essem una et paucis admodum familiares, in eum sermonem illum incidere, qui tum fere multis erat in ore. Meministi enim profecto, Attice, et eo magis, quod P. Sulpicio utebare multum, cum is tribunus pl. [plebis] capitali odio a Q. Pompeio, qui tum erat consul, dissideret, quocum

1. HOCUOS

I, 1 Quinto Múcio (Cévola), o áugure, costumava citar, fielmente e de maneira agradável, uma quantidade de pensamentos brilhantes de Caio Lélíio, seu sogro, e toda vez que a ele se referia, não hesitava em chamá-lo de sábio. Ora, tão logo eu vesti a toga viril¹, fui confiado por meu pai a Cévola; a partir de então, sempre que podia ou me era permitido, procurava me aproximar desse ancião. Registrava, assim, em minha memória, inúmeras observações ricas de sentido, elaboradas em formulações concisas e judiciosas, e procurava enriquecer os meus conhecimentos com a sua rica experiência de vida. Quando ele morreu, procurei o pontífice Cévola, sem sombra de dúvida, o homem mais notável de nossa pátria, por sua inteligência e sua honestidade. Mas dele falarei noutra ocasião; volto, agora, a falar do (Cévola) áugure².

2 Recordo-me, entre outras passagens, de certo dia em que eu estava em casa de Cévola com alguns de seus amigos; e ele, em seu hemicíclio, sentado, conforme era seu costume, veio, por acaso, a falar de um assunto que, à época, vinha à baila em todas as conversas. Você, Ático, deve se lembrar, – tanto mais que era muito ligado a Públio Sulpício – de qual não foi a surpresa e o pesar do povo, quando se soube que esse homem, tribuno da plebe, havia declarado ódio mortal a

¹ Passagem para a idade adulta.

² O primeiro Cévola citado por Cícero – Quinto Múcio (157-87 a.C.) –, chamado o “áugure” era primo de Cévola, o “pontífice”.

coniunctissime et amantissime vixerat, quanta esset hominum vel admiratio vel querela.

3 Itaque tum Scaevola, cum in eam ipsam mentionem incidisset, exposuit nobis sermonem Laeli de amicitia, habitum ab illo secum et cum altero genero, C. Fannio M. f. [Marci filio], paucis diebus post mortem Africani. Eius disputationis sententias memoriae mandavi, quas hoc libro exposui arbitratus meo; quasi enim ipsos induxi loquentes, ne "inquam" et "inquit" saepius interponeretur, atque ut tamquam a praesentibus coram haberi sermo videretur.

4 Cum enim saepe mecum ageres, ut de amicitia scriberem aliquid, digna mihi res cum omnium cognitione, tum nostra familiaritate visa est. Itaque feci non invitum, ut prodessem multis rogatu tuo. Sed, ut in Catone Maiore, qui est scriptus ad te de senectute, Catonem induxi senem disputantem, quia nulla videbatur aptior persona, quae de illa aetate loqueretur, quam eius, qui et diutissime senex fuisset et in ipsa senectute praeter ceteros floruisse, sic, cum accepissemus a patribus maxime memorabilem C. Laeli et P. Scipionis familiaritatem fuisse, idonea mihi Laeli persona visa est, quae de amicitia ea ipsa disserteret, quae disputata ab eo meminisset Scaevola. Genus autem hoc sermonum,

Quinto Pompeu, então cônsul, de quem ele havia sido aliado fiel e amigo³ íntimo.

3 Foi justamente nessa ocasião que Cévola mencionou o fato e nos contou as idéias que Lélío havia exposto sobre a amizade, a ele e a seu outro genro, Caio Fânio, filho de Marco, alguns dias após a morte de Cipião, o Africano. Guardei em minha memória a lembrança dos pensamentos expressos nessa conversa, e os relatei com uma certa liberdade; eu deixei as próprias personagens falar, para não precisar inserir, a toda hora, as palavras "digo eu" e "diz ele", e também, para dar ao leitor a impressão de estar vendo e ouvindo os interlocutores.

4 Muitas vezes, você me havia solicitado que escrevesse sobre a amizade e esse tema, merecedor da atenção de todos, pareceu-me, também, digno da amizade que nos une. Procurei, pois, com todo prazer, responder a seu pedido, esperando ser útil a muita gente. Mas, como em o *Catão, o Velho*, o tratado sobre a velhice que dediquei a você, eu havia posto em cena Catão, já idoso, a tratar do assunto, pois ninguém me parecia mais apto a falar dessa idade do que um homem que havia tido uma velhice tão longa e que, durante esse tempo, havia ocupado em Roma um lugar de grande destaque, e, também, como nossos antepassados nos haviam ensinado que a amizade entre Caio Lélío e Públio Cipião era memorável, eu achei que, neste tratado, Lélío seria a pessoa mais indicada para apresentar as idéias que ele já havia exposto sobre a amizade, durante a conversa de que Cévola havia

³ Trata-se do rompimento entre ambos, em 88 a.C. uma vez que Quinto Pompeu não cumpriu o acordo, segundo o qual Sulpício é quem deveria ser o candidato a cônsul.

positum in hominum veterum auctoritate, et eorum
industriam, plus nescio quo pacto videtur habere gra-
vitatis; itaque ipse mea legens sic adficio interdum,
ut Catonem, non me loqui existimem.

5 Sed, ut tum ad senem senex de senectute, sic hoc li-
bro ad amicum amicissimus scripsi de amicitia. Tum
est Cato locutus, quo erat nemo fere senior tempori-
bus illis, nemo prudentior; nunc Laelius et sapiens
(sic enim est habitus) et amicitiae gloria excellens de
amicitia loquatur. Tu velim a me animum parumper
avertas, Laelium loqui ipsum putes.

C. Fannius et Q. Mucius ad socerum veniunt post
mortem Africani; ab his sermo oritur, respondet Lae-
lius, cuius tota disputatio est de amicitia, quam legens
te ipse cognosces.

II, 6 Fannius. Sunt ista, Laeli; nec enim melior vir fuit
Africano quisquam nec clarior. Sed existimare debes
omnium oculos in te esse coniectos: unum te sapien-
tem et appellat et existimant. Tribuebatur hoc modo
M. Catoni, scimus L. Acilium apud patres nostros ap-
pellatum esse sapientem, sed uterque alio quodam mo-
do, Acilius, quia prudens esse in iure civili putabatur;
Cato, quia multarum rerum usum habebat, multa eius
et in senatu et in foro vel provisa prudenter vel acta

guardado a lembrança. Palavras dessa espécie, que se
fundam na autoridade dos homens de outrora e de
pessoas ilustres, não sei por quê, mas parecem ter
mais peso. Assim, quando releio essa minha obra, te-
nho, por vezes, a impressão de que é Catão quem está
falando, e não eu.

5 Portanto, assim como então, um velho escrevia sobre a
velhice a um outro velho, nesta nova obra, é um ami-
go que escreve sobre a amizade a seu amigo mais que-
rido. Naquele livro, quem fala é Catão, talvez o ho-
mem mais velho do seu tempo e também, o mais
sábio. Neste, quem fala sobre a amizade é Lúcio, que
não somente era sábio (assim era considerado), mas,
também, que ficou célebre como amigo. Peço-lhe,
pois, que me esqueça por um instante, e imagine estar
a ouvir o próprio Lúcio. Caio Fânio e Quinto Múcio
(Cévola) vêm à casa do sogro, após a morte do Africa-
no; eles começam a conversa e Lúcio responde, fazen-
do, sozinho, toda a exposição sobre a amizade. Lendo-
a, você vai se reconhecer nela.

II, 6 FÂNIO – É verdade, Lúcio. Ninguém foi melhor
nem mais ilustre do que o Africano. Mas você deve sa-
ber que todos os olhares se voltam para sua direção:
você não somente é chamado de sábio, mas todos,
realmente, o consideram como tal. Há pouco tempo,
Marco Catão era, igualmente, assim considerado e nós
sabemos que, ao tempo de nossos pais, também Lúcio
Atílio foi chamado de sábio, mas cada um deles, por
razões diferentes das que lhe dizem respeito: Lúcio
Atílio, por seu conhecimento profundo de direito civil;
Catão, por sua grande experiência de vida, suas opi-
niões prudentes, seus atos de firmeza e sua argúcia

constanter vel responsa acute ferebantur; propterea quasi cognomen iam habebat in senectute sapientis.

7 Te autem alio quodam modo, non solum natura et moribus, verum etiam studio et doctrina esse sapientem, nec sicut vulgus, sed ut eruditi solent appellare sapientem, qualem in reliqua Graecia neminem (nam, qui Septem appellantur, eos, qui ista subtilius quaerunt, in numero sapientium non habent), Athenis unum accepimus, et eum quidem etiam Apollinis oraculo sapientissimum iudicatum; hanc esse in te sapientiam existimant, ut omnia tua in te posita esse dicas humanosque casus virtute inferiores putes. Itaque ex me quaerunt, credo ex hoc item Scaevola, quonam pacto mortem Africani feras, eoque magis, quod proximis Nonis cum in hortos D. Bruti auguris commentandi causa, ut adsolet, convenissemus, tu non adfueris, qui diligentissime semper illum diem et illum munus solitus esses obire.

8 *Scaevola*. Quaerunt quidem, C. Laeli, multi, ut est a Fannio dictum, sed ego id respondeo, quod animum adverti, te dolorem, quem acceperis cum summi viri,

admirável, no Senado e no Fórum, de modo que já era quase um cognome o título de sábio que lhe davam na velhice.

7 No seu caso, é diferente: suas qualidades naturais, seu caráter, bem como sua aplicação ao estudo e sua doutrina o fazem um sábio, não no sentido vulgar, mas como os eruditos, geralmente, o entendem. Assim definido, jamais alguém, em toda a Grécia, recebeu esse título (pois aqueles a quem chamam "os Sete Sábios" não são considerados como tais pelos especialistas no assunto).⁴ Segundo dizem, até mesmo em Atenas, só houve um: aquele que o oráculo de Delfos⁵ proclamou como o mais sábio. A sabedoria que lhe atribuem consiste em que você considera que tem dentro de si tudo o que é essencial para a sua existência, e todos os azares da vida humana, como algo a ser dominado pela virtude. Assim, perguntam, a mim e a Cévola, também, penso eu, como é que você está suportando a morte do Africano, sobretudo porque esteve ausente, quando, nas últimas Nonas⁶, estivemos nos jardins do áugure Décimo Bruto, e, habitualmente, era assíduo nessa data e cumpria fielmente essa obrigação.

8 CÉVOLA – É verdade, Caio Lélcio, muita gente me dirige essa mesma pergunta que Fânio acaba de me fazer; e eu respondo, de acordo com o que notei, que você

⁴ Tales, Sólon, Quílon, Bías, Cleóbulo, Pítaco e Periandro, que viveram entre os séculos 7 e 6 a.C.

⁵ Referência a Sócrates.

⁶ As Nonas eram reuniões mensais que se realizavam fora da cidade, nas quais os áugures se encontravam para receber os auspícios (premonições concebidas com base na observação do voo dos pássaros).

tum amicissimi morte, ferre moderate, nec potuisset non commoveri, nec fuisse id humanitatis tuae; quod autem Nonis in collegio nostro non adfuisses, valetudinem respondeo causam, non maestitiam fuisse.

Laelius – Recte tu quidem, Scaevola, et vere; nec enim ab isto officio, quod semper usurpavi, cum valerem, abduci incommodo meo debui, nec ullo casu arbitror hoc constanti homini posse contingere, ut ulla intermissio fiat officii.

9 Tu autem, Fanni, quod mihi tantum tribui dicis, quantum ego nec agnosco nec postulo, facis amice; sed, ut mihi videris, non recte iudicas de Catone; aut enim nemo, quod quidem magis credo, aut, si quisquam, ille sapiens fuit. Quo modo, ut alia omittam, mortem filii tulit! memineram Paulum, videram Gellum, sed hi in pueris, Cato in perfecto et spectato viro.

10 Quam ob rem cave Catoni anteponas ne istum quidem ipsum, quem Apollo, ut ais, sapientissimum iudicavit; huius enim facta, illius dicta laudantur. De me autem, ut iam cum utroque vestrum loquar, sic habetote.

está suportando com moderação a dor que lhe causou a morte de um homem tão ilustre e amigo tão caro, mas não poderia deixar de estar abalado, pois seu coração não o permitiria; e que a sua ausência à nossa reunião, no dia das Nonas, foi por motivo de saúde e não devido a seu pesar.

LÉLIO – Você respondeu certo, Cévola, é isso mesmo: um simples incômodo não iria me fazer faltar a um dever que sempre cumpri quando estava bem de saúde; de qualquer modo, eu penso que nenhum improvisto pode jamais afastar um homem de caráter de suas obrigações.

9 E você, Fânio, quando diz que me atribuem uma qualidade que não reconheço em mim nem postulo, está deixando falar somente a voz da sua amizade por mim. Mas, no que se refere a Catão, parece-me que está enganado. Ou, então, talvez, nunca tenha havido um único sábio neste mundo (o que julgo mais provável), e se houve, foi ele. Para não citar outros de seus feitos, com que coragem ele suportou a morte do filho! Eu me lembrava de Paulo Emílio e havia conhecido Gelo, mas os filhos que estes perderam eram apenas crianças, e o filho de Catão já era um homem feito e de valor comprovado.

10 Não vá, portanto, colocar alguém acima de Catão, nem mesmo aquele que, como você diz, foi proclamado por Apolo como o “mais sábio” dos homens, pois deste último, louvam-se as palavras⁷, e do outro, as ações. Quanto a mim, quero, agora, me dirigir a vocês dois: eis o que penso.

⁷ Volta a se referir a Sócrates e, na sequência, a Catão.

II Ego si Scipionis desiderio me moveri negem, quam id recte faciam, viderint sapientes; sed certe mentiar. Moveor enim, tali amico orbatus, qualis, ut arbitror, nemo umquam erit, ut confirmare possum, nemo certe fuit. Sed non egeo medicina, me ipse consolor, et maxime illo solacio, quod eo errore careo, quo amicorum decessu plerique angere solent. Nihil mali accidisse Scipioni puto: mihi accidit, si quid accidit, suis autem incommotis graviter angere non amicum, sed se ipsum amantis est.

11 Cum illo vero quis neget actum esse praeclare? Nisi enim, quod ille minime putabat, immortalitatem optare vellet, quid non adeptus est, quod homini fas esset optare? Qui summam spem civium, quam de eorum puero habuerant, continuo adulescens incredibili virtute superavit; qui consulatum petivit numquam, factus est consul bis, primum ante tempus, iterum sibi suo tempore, rei publicae paene sero; qui, duabus urbibus eversis inimicissimis huic imperio, non modo praesentia, verum etiam futura bella delevit. Quid dicam de moribus facillimis, de pietate in matrem, liberalitate in sorores, bonitate in suos, iustitia in

III Se eu negasse a dor que sinto pela morte de Cipião, estaria agindo bem? Cabe aos filósofos decidir. Mas, na certa, estaria mentindo; pois eu me sinto abalado com perda de um amigo como esse; igual a ele, não vai haver outro, creio eu, e tenho certeza de que jamais houve. Não obstante a minha dor, não preciso de nenhum remédio; eu mesmo me consolo, principalmente, porque estou livre do erro que atinge a quase todos, quando lhes morre um amigo. A Cipião, não ocorreu nenhum mal, penso eu; se aconteceu a alguém, foi a mim; e atormentar-se com seus próprios males é amar-se a si mesmo e não ao amigo.

11 Quanto a ele, quem poderá, realmente, dizer que sua vida não foi feliz? A menos que pretendesse a imortalidade, coisa em que nunca pensou. Que mais poderia ter ele desejado, daquilo que é permitido a um homem desejar, e que não tenha obtido? Ele que, desde a mais tenra idade, superou até mesmo as mais altas expectativas de seus concidadãos, e na sua juventude ultrapassou-as ainda mais, graças a seu valor extraordinário. Nunca reivindicou o consulado, e foi cônsul duas vezes; na primeira vez, antes da idade legal; na segunda, no tempo conveniente para ele, mas, para a República, quase tarde demais. Destruindo duas cidades que eram as piores inimigas do império romano⁸, não somente ele pôs fim às guerras presentes, mas preveniu guerras futuras. Que dizer da brandura de seu caráter, da veneração pela mãe, de sua liberalidade para com as irmãs, de sua bondade para com os familiares e de seu espírito de justiça

⁸ Cartago e Numância.

omnes? Nota sunt vobis. Quam autem civitati carus fuerit, maerore funeris iudicatum est. Quid igitur hunc paucorum annorum accessio iuvare potuisset? Senectus enim, quamvis non sit gravis, ut memini Catonem, anno ante quam est mortuus, mecum et cum Scipione disserere, tamen aufert eam viriditatem in qua etiam nunc erat Scipio.

12 Quam ob rem vita quidem talis fuit vel fortuna vel gloria, ut nihil posset accedere: moriendi autem sensum celeritas abstulit. Quo de genere mortis difficile dictu est; quid homines suspicentur, videtis. Hoc vere tamen licet dicere, P. Scipioni ex multis diebus, quos in vita celeberrimos laetissimosque viderit, illum diem clarissimum fuisse, cum, senatu dimisso, domum reductus ad vesperum est a patribus conscriptis, populo Romano, sociis et Latinis, pridie quam excessit e vita, ut ex tam alto dignitatis gradu ad superos videatur deos potius quam ad inferos pervenisse.

IV, 13 Neque enim adsentior iis, qui haec nuper disserere coeperunt, cum corporibus simul animos interire atque omnia morte deleri. Plus apud me antiquorum auctoritas valet, vel nostrorum maiorum, qui mortuis tam religiosa iura tribuerunt, quod non fecissent profecto, si nihil ad eos pertinere arbitrantur; vel

para com todos? Vocês sabem disso tudo. E os concidadãos mostraram o quanto ele era querido, com a consternação pública em seus funerais. Em suma: que teria ele a ganhar, se dispusesse de alguns anos a mais em sua existência? Pois a velhice pode muito bem não ser um fardo – e eu me lembro de que Catão, um ano antes de morrer, comentava isso com Cípião e também comigo –, mas ela tira o verdor que Cípião ainda conservava.

12 Ele teve, pois, tamanha sorte na vida e tanta glória, que nada se lhe poderia acrescentar. E morrendo subitamente, ele não sofreu. Quanto ao tipo de morte, é difícil dizer; vocês sabem o que se suspeita⁹. Não obstante, o que se pode dizer, com certeza, é que, de tantos dias festivos e felizes na vida de Públio Cípião, o mais glorioso foi aquele em que, na véspera de sua morte, ele voltou para casa, à noite, após a sessão do Senado, acompanhado pelos senadores, o povo romano, os aliados e os latinos, de modo que, desse fastígio de honras, ele deve só ter subido à morada dos deuses do céu, e não descido às regiões infernais.

IV, 13 Com efeito, eu não concordo com aqueles que recentemente começaram a sustentar que a alma morre juntamente com o corpo, e que a morte destrói tudo. Prefiro acreditar na autoridade dos antigos, ou na de nossos ancestrais, que conferiam aos mortos direitos tão sagrados, coisa que não teriam feito se acreditassem que nada mais interessava aos mortos; prefiro, ainda, acreditar na opinião dos filósofos que viveram

⁹ Boatos cercavam a morte súbita de Cípião, chegando muitos a considerá-la um homicídio, uma vez que ocorreu no dia seguinte à vitória do Senado contra o Partido Popular.

eorum, qui in hac terra fuerunt Magnamque Graeciam, quae nunc quidem deleta est, tum florebat, institutis et praeceptis suis erudierunt, vel eius, qui Apollinis oraculo sapientissimus est iudicatus, qui non tum hoc, tum illud, ut in plerisque, sed idem semper, animos hominum esse divinos iisque, cum ex corpore excessissent, reditum in caelum patere, optimoque et iustissimo cuique expeditissimum.

14 Quod idem Scipioni videbatur; qui quidem, quasi praesagiret, perpaucis ante mortem diebus, cum et Philus et Manilius adessent et alii plures tuque etiam, Scaevola, mecum venisses, triduum disseruit de re publica; cuius disputationis fuit extremum fere de immortalitate animorum, quae se in quiete per visum ex Africano audisse dicebat. Id si ita est, ut optumi cuiusque animus in morte facillime evolet tamquam e custodia vinclesque corporis, cui censemus cursum ad deos faciliorem fuisse quam Scipioni? Quocirca maerere hoc eius eventu vereor, ne invidi magis quam amici sit. Sin autem illa veriora, ut idem interitus sit animorum et corporum nec ullus sensus maneat, ut nihil boni est in morte, sic certe nihil mali.

nesta terra e deram à Magna Grécia¹⁰, hoje decadente, é certo, mas então, florescente, as instituições e os ensinamentos que a formaram; acreditar, enfim, na opinião daquele que o oráculo de Apolo proclamou como "o mais sábio", e que, a esse respeito, não dizia ora isto, ora aquilo, como outros freqüentemente o faziam, mas sempre sustentou que as almas humanas são divinas, e que, no dia em que deixam o corpo, abre-se, diante delas, um caminho que as leva de volta ao céu, e para as melhores e mais justas, esse retorno é mais rápido.

14 Assim pensava, igualmente, Cipião: alguns dias antes da sua morte, como se dela já tivesse um pressentimento, na presença de Filo, de Mânlio, de vários outros - e na sua, também, Cévola, pois você tinha ido comigo -, ele falou, durante três dias, sobre a organização do Estado, e dedicou o fim de sua exposição, essencialmente, à questão da imortalidade da alma, relatando o que afirmava ter ouvido do Africano, em sonho, enquanto dormia. Se é verdade que as almas dos mais justos se evolvam mais facilmente, quando a morte, por assim dizer, as liberta da prisão do corpo, e dos laços que este lhes impõe, quem, a nosso ver, pôde, afinal, alçar vôo em direção aos deuses, mais facilmente do que Cipião? Por conseguinte, ficar triste por esse acontecimento, seria, receio eu, antes ter inveja dele do que amá-lo. E se os outros têm razão, que um mesmo fim aguarda a alma e o corpo e nenhuma sensibilidade subsiste, então, a morte não

¹⁰ Clara menção aos filósofos pitagóricos, que propugnavam a transmigração das almas.

Sensu enim amisso fit idem, quasi natus non esset omnino, quem tamen esse natum et nos gaudemus et haec civitas, dum erit, laetabitur.

- 15 Quam ob rem cum illo quidem, ut supra dixi, actum optime est, mecum incommodius, quem fuerat aequius, ut prius introieram, sic prius exire de vita. Sed tamen recordatione nostrae amicitiae sic fruor, ut beate vixisse videar, quia cum Scipione vixerim, quocum mihi coniuncta cura de publica re et de privata fuit; quocum et domus fuit et militia communis et, id in quo est omnis vis amicitiae, voluntatum, studiorum, sententiarum summa consensio. Itaque non tam ista me sapientiae, quam modo Fannius commoravit, fama delectat, falsa praesertim, quam quod amicitiae nostrae memoriam spero sempiternam fore. Idque eo mihi magis est cordi, quod ex omnibus saeculis vix tria aut quattuor nominantur paria amicorum: quo in genere sperare videor Scipionis et Laeli amicitiam notam posteritati fore.

- 16 Fannius – Istuc quidem, Laeli, ita necesse est. Sed, quoniam amicitiae mentionem fecisti et sumus otiosi, pergratum mihi feceris, – spero item Scaevolae, – si, qual ad modum soles de ceteris rebus, quae ex te quaeruntur, sic de amicitia disputaris, quid sentias, qualem existumes, quae praecepta des.

é um bem, certamente, mas, pelo menos, não é um mal. Porque, se Cipião nada mais sente, é como se nunca tivesse nascido esse homem, motivo de felicidade para nós, e de alegria para esta cidade, enquanto ela durar.

- 15 Portanto, como eu disse, o destino foi inteiramente favorável a Cipião; e comigo foi injusto. Tendo entrado na vida antes dele, eu deveria, também, ter saído primeiro. Todavia, quando me lembro da amizade que nos ligava, sinto um prazer tal, que penso ter sido feliz por ter convivido com Cipião. Com ele compartilhei preocupações políticas e problemas particulares; com ele convivi em tempo de paz e durante a guerra; enfim – e aí reside a própria essência da amizade –, nossos desejos, nossos gostos, nossas opiniões concordavam perfeitamente. O que me alegra, pois, não é a reputação de sabedoria, há pouco lembrada por Fânio, mesmo porque, não é verdadeira, mas, antes, a esperança de que a memória da nossa amizade será eterna, e faço absoluta questão disso, tanto mais que em todos os séculos passados contam-se apenas três ou quatro pares de amigos autênticos: é nesse nível, assim espero, que a fama da amizade de Cipião e de Lélcio será colocada pela posteridade.

- 16 FÂNIO – Sim, Lélcio, assim será, certamente. Mas já que fez menção à amizade, e estamos com tempo bastante, você me daria um grande prazer e a Cévola, também, creio eu, se falasse da amizade, como o faz, habitualmente, com outros assuntos, quando solicitado, e nos dissesse qual é a sua opinião a respeito, que valor lhe dá e que regras prescreve para ela.

Scaevola. Mihi vero erit gratum atque id ipsum cum tecum agere conarer, Fannius antevortit. Quam ob rem utriusque nostrum gratum adnodum feceris.

V, 17 *Laelius* – Ego vero non gravarer, si mihi ipse confiderem; nam et praeclara res est et sumus, ut dixit Fannius, otiosi. Sed quis ego sum aut quae est in me facultas? Doctorum est ista consuetudo, eaque Graecorum, ut iis ponatur, de quo disputent quamvis subitum; magnum opus est egetque exercitatione non parva. Quam ob rem, quae disputari de amicitia possunt, ab eis censeo petatis, qui ista profitentur. Ego vos hortari tantum possum, ut amicitiam omnibus rebus humanis anteponatis; nihil est enim tam naturae aptum, tam conveniens ad res vel secundas vel adversas.

18 Sed hoc primum sentio, nisi in bonis amicitiam esse non posse. Neque id ad vivum resco, ut illi, qui haec subtilius disserunt, fortasse vere, sed ad communem utilitatem parum. Negant enim quemquam esse virum bonum nisi sapientem. Sit ita sane; sed etiam sapientiam interpretantur, quam adhuc mortalis nemo est consecutus; nos autem ea, quae sunt in usu vitaeque communi, non ea, quae finguntur aut

CÉVOLA – Será para mim muito agradável e eu ia justamente lhe fazer o mesmo pedido, quando Fânio se antecipou a mim. Você nos dará, pois, um grande prazer.

V, 17 LÉLIO: De minha parte, eu não me furtaria a fazê-lo, se confiasse em minhas forças, pois é um belo tema e, como disse Fânio, dispomos de tempo à vontade. Mas quem sou eu e qual a minha competência? Falar de improviso sobre qualquer assunto proposto é um costume dos filósofos, sobretudo dos gregos. É uma tarefa que exige muito treino. Portanto, quanto a tratar da amizade, creio que vocês deveriam recorrer aos que se dizem especialistas. Por mim, eu só posso exortá-los a colocar a amizade acima de todos os bens terrestres, pois não há nada mais conforme com a natureza e mais importante, tanto na prosperidade como na adversidade¹¹.

18 Antes de mais nada, penso que só pode haver amizade entre pessoas de bem; eu não tomo a palavra amizade num sentido muito rigoroso, como o fazem aqueles que tratam de tais assuntos, de maneira mais sutil: quem sabe, eles tenham razão, mas não pensam nas necessidades comuns de cada dia. Com efeito, negam que alguém possa ser um homem de bem, se não for sábio. De acordo. Mas, por sabedoria, eles entendem uma perfeição que jamais algum homem pôde alcançar; e para nós, é a prática e a vida de cada dia que devemos ter em vista e não ficções e ambições. Eu

¹¹ A exposição de Lélío baseia-se na tese do estoicismo, segundo a qual toda atividade humana deve buscar a virtude como fim, num caminho que tem na natureza o seu modelo.

optantur, spectare debemus. Numquam ego dicam C. Fabricium, M'. Curium, Ti. Coruncanium, quos sapientes nostri maiores iudicabant, ad istorum normam fuisse sapientes. Quare sibi habeant sapientiae nomen et invidiosum et obscurum, concedant ut viri boni fuerint. Ne id quidem facient, negabunt id, nisi sapienti, posse concedi.

19 Agamus igitur pingui, ut aiunt, Minerva. Qui ita se gerunt, ita vivunt, ut eorum probetur fides, integritas, aequalitas, liberalitas nec sit in iis ulla cupiditas, lubido, audacia, sitque magna constantia, ut ii fuerint, modo quos nominavi, hos viros bonos, ut habiti sunt, sic etiam appellandos putemus, quia sequantur, quantum homines possunt, naturam optimam bene vivendi ducem. Sic enim mihi perspicere videor, ita natos esse nos, ut inter omnes esset societas quaedam, maior autem, ut quisque proxime accederet. Itaque cives potiores quam peregrini, propinqui quam alieni. Cum his enim amicitiam natura ipsa peperit; sed ea non satis habet firmitatis. Namque

jamais poderia dizer que homens como Caio Fabricio, Mânio Cúrio e Tibério Coruncânio¹², que nossos antepassados consideravam sábios, foram, de fato, sábios conforme a definição desses filósofos. Que guardem, pois, para si, o nome de sabedoria, com a inveja que ela inspira e sua obscuridade; mas nos concedam que nossos compatriotas foram homens de bem. Ah, mas nem isso farão: continuarão afirmando que esse nome só pode ser conferido ao sábio.

19 Fiquemos, pois, com nosso bom senso comum, como se costuma dizer. Aqueles que se comportam, que vivem de forma tal que evidência boa-fé, integridade, eqüidade e liberalidade, nos quais não há cobiça, nem paixão, nem louca ousadia e demonstram grande firmeza de caráter, como as personagens que acabo de citar, e que foram, todos eles, considerados homens de bem, nós, na minha opinião, devemos, também, assim chamá-los, porque, na medida do possível, seguem a natureza, que é a melhor guia da vida. Com efeito, eu creio ter muito claro que todos nós nascemos para viver em sociedade e que o vínculo social mais se estreita, quanto mais estamos próximos uns dos outros. Assim, preferimos os cidadãos aos estrangeiros, os parentes aos estranhos; entre nós e nossos parentes a própria natureza criou laços de amizade, mas estes nem sempre são sólidos

¹² Contemporâneos entre si, essas três importantes personagens do mundo romano do século III a.C. eram, também, amigos. Caio Fabricio, cônsul entre 284 e 278, ficou conhecido por seu combate à corrupção; Mânio Cúrio, cônsul entre 290 e 274, liderou a vitória contra Pírrico; Tibério Coruncânio, cônsul em 280, além de jurisconsulto célebre, liderou os romanos contra os etruscos.

hoc praestat amicitia propinquitati, quod ex propinquitate benevolentia tolli potest, ex amicitia non potest; sublata enim benevolentia amicitiae nomen tollitur, propinquitatis manet.

VI, 20 Quanta autem vis amicitiae sit, ex hoc intellegi maxime potest, quod ex infinita societate generis humani, quam conciliavit ipsa natura, ita contracta res est et adducta in angustum, ut omnis caritas aut inter duo aut inter paucos iungeretur.

Est enim amicitia nihil aliud nisi omnium divinarum humanarumque rerum cum benevolentia et caritate consensio, qua quidem haud scio an, excepta sapientia, nihil melius homini sit a dis immortalibus datum. Divitias alii praeponunt, bonam alii valetudinem, alii potentiam, alii honores, multi etiam voluptates. Beluarum hoc quidem extremum, illa autem superiora caduca et incerta, posita non tam in consiliis nostris quam in fortunae temeritate. Qui autem in virtute summum bonum ponunt, praeclare illi quidem, sed haec ipsa virtus amicitiam et gignit et continet, nec sine virtute amicitia esse ullo pacto potest.

21 Iam virtutem ex consuetudine vitae sermonisque nostri interpretemur nec eam, ut quidam docti, verborum magnificentia metiamur virosque bonos eos, qui habentur, numeremus, Paulos, Catones, Galos, Scipiones, Philos. His communis vita contenta est,

bastante. Assim é que a amizade vale mais que o parentesco: porque a afeição pode desaparecer do parentesco, mas, da amizade, é impossível; com efeito, sem afeição, nada mais resta a que se possa chamar amizade, já o parentesco subsiste de qualquer modo.

VI, 20 O grande valor da amizade aparece perfeitamente, quando vemos, de maneira clara, que a própria natureza criou um amplo vínculo ligando a infinita massa dos seres humanos, e que, na amizade, ele se estreita e se reduz, de maneira tal que a afeição reúne apenas duas pessoas, ou pouco mais.

A amizade nada mais é, com efeito, que um entendimento perfeito em todas as coisas, divinas e humanas, acompanhado de generosidade e afeição mútuas, e, tirante a sabedoria, não creio que os deuses imortais tenham dado ao homem algo melhor do que ela. Uns preferem a riqueza, outros, a saúde, outros, o poder, outros, as honrarias e muitos, até, os prazeres. Esta última preferência é mais própria dos animais; quanto aos outros objetos de desejo, sua posse é precária e incerta, pois depende mais dos caprichos do destino do que de nossa vontade. Há, ainda, os que vêem na virtude o bem supremo: é maravilhoso, com certeza, mas é exatamente a virtude que gera e conserva a amizade, e sem ela não pode existir, de maneira alguma, qualquer amizade.

21 Devemos, aqui, definir a virtude de acordo com o costume da vida real e de nossa língua, e não nos deixar levar pela magnificência das palavras, como o fazem certos filósofos, mas contar como homens de bem aqueles que são assim considerados, um Paulo Emílio, um Catão, um Galo, um Cipião, um Filo; bastam esses

eos autem omittamus, qui omnino nusquam reperiuntur.

22 Talis igitur inter viros amicitia tantas opportunitates habet, quantas vix queo dicere. Principio qui potest esse "vita vitalis," ut ait Ennius, quae non in amici mutua benevolentia conquiescit? Quid dulcius quam habere quicum omnia audeas sic loqui ut tecum? Qui esset tantus fructus in prosperis rebus, nisi haberes, qui illis aeque ac tu ipse gauderet? Adversas vero ferre difficile esset sine eo, qui illas gravius etiam quam tu ferret. Denique ceterae res, quae expetuntur, opportunae sunt singulae rebus fere singulis: divitiae, ut utare; opes; ut colare; honores, ut laudare; voluptates, ut gaudeas, valetudo, ut dolore careas et muneribus fungare corporis. Amicitia res plurimas continet. Quoquo te verteris, praesto est, nullo loco excluditur, numquam intempestiva, numquam molesta est. Itaque non aqua, non igni, ut aiunt, locis pluribus utimur, quam amicitia. Neque ego nunc de vulgari aut de mediocri, quae tamen ipsa et delectat et prodest, sed de vera et perfecta loquor, qualis eorum, qui pauci nominantur, fuit. Nam et secundas

para as exigências da vida diária; e deixemos de lado aqueles que não existem em nenhum lugar.

22 Portanto, quando a amizade liga homens assim, ela apresenta tantas vantagens que eu nem saberia descrever. Em primeiro lugar, como diz Ênio, haverá uma vida que valha a pena ser vivida, se lhe falta o sossego que só os sentimentos compartilhados com um amigo podem dar? Que há de mais agradável do que ter alguém em quem podemos confiar como em nós mesmos? Que proveito tiráramos da felicidade, se não tivéssemos ninguém que dela pudesse compartilhar conosco? E seria difícil suportar a adversidade, sem alguém capaz de suportá-la ainda mais do que nós, que a experimentamos. Enfim, os demais bens que o homem busca só apresentam, cada um deles, por sua vez, uma vantagem particular: a riqueza traz meios de satisfazer a nossas necessidades materiais; o poder traz consideração; as honrarias, louvores; os prazeres, gozos; a saúde, a libertação da dor e a plena disposição de nossas forças físicas. Mas a amizade compreende um sem-número de bens! Para qualquer lado que nos voltamos, lá está ela, prestativa; não há lugar em que não tenha a sua vez, não há circunstância em que seja intempestiva ou inoportuna; assim, como dizem, a água e o fogo, muitas vezes, não são mais úteis do que a amizade. E não me refiro, aqui, a uma amizade vulgar ou apenas medíocre que, apesar dos pesares, também tem o seu encanto e a sua utilidade; refiro-me à verdadeira e perfeita amizade, como a daquelas poucas personagens que mencionei. Pois a amizade torna mais brilhantes os dias felizes,

res splendiores facit amicitia et adversas partiens communicansque leviores.

VII, 23 Cumque plurimas et maximas commoditates amicitia contineat, tum illa nimirum praestat omnibus, quod bona spe praelucet in posterum nec debilitari animos aut cadere patitur. Verum enim amicū qui intuetur, tamquam exemplar aliquod intuetur sui. Quocirca et absentes adsunt et egentes abundant et inbecilli valent et, quod difficilius dictu est, mortui vivunt; tantus eos honos, memoria, desiderium prosequitur amicorum. Ex quo illorum beata mors videtur, horum vita laudabilis. Quod si exemeris exterum natura benevolentiae coniunctionem, nec domus ulla nec urbs stare poterit, ne agri quidem cultus permanebit. Id si minus intellegitur, quanta vis amicitiae concordiaeque sit, ex dissensionibus atque ex discordiis perspicui potest. Quae enim domus tam stabilis, quae tam firma civitas est, quae non odiis et discidiis funditus possit everti? Ex quo, quantum boni sit in amicitia, iudicari potest.

24 Agrigentinum quidem doctum quemdam virum carminibus graecis vaticinatum ferunt, quae in rerum

e mais leves os dias adversos, deles compartilhando conosco e fazendo sua a nossa dor.

VII, 23 A amizade apresenta, pois, vantagens muito numerosas e importantes, mas há uma que a todas supera: ela inspira uma fagueira esperança que ilumina o futuro e não permite que os ânimos desfaleçam ou se apequenem. Porque aquele que tem diante dos olhos um amigo verdadeiro vê, de certa forma, sua própria imagem ideal. Desse modo, os ausentes se fazem presentes; os pobres se tornam ricos; os fracos, poderosos e, o que é mais incrível, os mortos continuam vivos: tamanha é a honra, tantas as lembranças e tantas as saudades que eles inspiram a seus amigos. Assim, a morte de uns os dignifica, e a vida dos outros lhes proporciona uma existência digna de louvor. Porém, se eliminarmos da natureza o vínculo da generosidade, nenhuma família, nenhuma cidade poderá subsistir e a própria agricultura não poderá sobreviver. Se isso não estiver suficientemente claro, podemos descobrir o poder da amizade e da concórdia, pensando nas dissensões e na discórdia. Com efeito, existirá uma família tão estável, uma cidade tão solidamente constituída que os ódios e as lutas intestinas não possam destruir? Pode-se ver por aí o bem que a amizade faz.

24 Houve, até, em Agrigento, um filósofo¹³ que, segundo dizem, proclamava, em poemas escritos em grego,

¹³ Trata-se do filósofo Empédocles (493-430 a.C.), que desenvolveu uma interpretação da natureza, segundo a qual todos os fenômenos resultam de quatro elementos – água, fogo, terra e ar –, que se uniriam, através da força do amor, ou se separariam, por meio do ódio (fazendo nascer ou morrer todas as coisas).

natura totoque mundo constarent quaeque moverentur, ea contrahere amicitiam, dissipare discordiam. Atque hoc quidem omnes mortales et intellegunt et re probant. Itaque, si quando aliquod officium extitit amici in periculis aut adeundis aut communicandis, quis est qui id non maximis efferat laudibus? Qui clamores tota cavea nuper in hospitibus et amici mei M. Pacuvi nova fabula, cum, ignorante rege uter Orestes esset, Pylades Orestem se esse diceret, ut pro illo necaretur, Orestes autem, ita ut erat, Orestem se esse perseveraret! Stantes plaudebant in re ficta. Quid arbitramur in vera facturos fuisse? Facile indicabat ipsa natura vim suam, cum homines, quod facere ipsi non possent, id recte fieri in altero iudicarent. Hactenus mihi videor de amicitia quid sentirem potuisse dicere. Si quae praeter ea sunt, – credo autem esse multa –, ab eis, si videbitur, qui ista disputant, quaeritote.

25 *Fannius.* Nos autem a te potius; quamquam etiam ab istis saepe quaesivi et audivi non invitus equidem; sed aliud quoddam filum orationis tuae. *Scaevola.* Tum magis id diceret, Fanni, si nuper in hortis Scipionis, cum est de re publica disputatum, adfuisses. Qualis tum patronus iustitiae fuit contra accuratam orationem Philii!

que todos os seres do mundo e do universo, móveis ou imóveis são unidos pela amizade e separados pela discórdia. Esse poder da amizade, todos os mortais o conhecem e comprovam com suas ações. Assim, quando alguém se expõe ao perigo por seu amigo ou a ele se associa, quem é que vai deixar de lhe tecer os maiores elogios? Que aclamações não suscitou, em todas as fileiras de expectadores, a última peça de meu hóspede e amigo Marco Pacúvio, quando apresentava, perante o rei, que não sabia qual dentre eles era Orestes, Píades dizendo que era Orestes, para morrer no lugar do amigo, enquanto Orestes, como era verdade, repetia continuamente que ele é quem era Orestes. Os expectadores aplaudiram de pé essa ficção. O que não teriam feito, se fosse realidade? A natureza humana, de maneira espontânea, mostrava, assim, nitidamente a sua essência: homens incapazes de praticar uma ação como essa, se praticada por outrem, reconheciam-lhe o valor. É o que basta, creio eu, para exprimir o que penso sobre a amizade. Se resta algo a dizer – e creio que resta muito – peçamo, por favor, àqueles que tratam desses assuntos.

25 FÂNIO – Não; primeiro a você. Na verdade, eu recorri muitas vezes a essas pessoas, também, e as ouvi, até, com prazer; mas a maneira que elas têm de discorrer é diferente da sua.

CÉVOLA – Fânio, você ainda iria mais longe, se tivesse assistido, recentemente, nos jardins de Cipião, às discussões sobre a organização do Estado. Que admirável defensor da justiça contra o acurado discurso de Filo!

Fannius. Facile id quidem fuit, iustitiam iustissimo viro defendere.

Scaevola. Quid? Amicitiam nonne facile ei, qui ob eam summa fide constantia iustitiaque servatam maximam gloriam cepit?

VIII, 26 *Laelius.* Vim hoc quidem est adferre. Quid enim refert, qua me ratione cogatis? Cogitis certe. Studiis enim generorum, praesertim in re bona, cum difficile est, tum ne aequum quidem obsistere.

Saeptissime igitur mihi de amicitia cogitanti maxime illud considerandum videri solet, utrum propter inbecillitatem atque inopiam desiderata sit amicitia, ut dandis recipiendisque meritis, quod quisque minus per se ipse posset, id acciperet ab alio vicissimque redderet, an esset hoc quidem proprium amicitiae, sed antiquior et pulchrior et magis a natura ipsa profecta alia causa. Amor enim, ex quo amicitia nominata est, princeps est ad benevolentiam coniungendam. Nam utilitates quidem etiam ab iis percipiuntur saepe, qui simulatione amicitiae coluntur et observantur temporis causa. In amicitia autem nihil fictum est, nihil simulatum et, quidquid est, id est verum et voluntarium.

27 Quapropter a natura mihi videtur potius quam ab indigentia orta amicitia, adplicatione magis animi cum quodam sensu amandi, quam cogitatione quantum illa res utilitatis esset habitura. Quod quidem quale sit, etiam in bestiis quibusdam animadverti potest,

FÁNIO – Para um homem tão justo, foi fácil falar em defesa da justiça.

CÉVOLA – O quê? E a amizade não é um assunto fácil para quem granjeou tamanha glória, cultivando-a com tanta fidelidade, firmeza e justiça?

VIII, 26 **LÉLIO** – Mas aí já é querer me obrigar a falar! Pouco importa o modo de coação que vocês estão fazendo: coação está havendo. Quando meus genros exprimem um desejo, principalmente, se o seu objetivo merece aprovação, é difícil resistir, mas, sobretudo, não seria justo fazê-lo. Muitas vezes, então, quando eu penso na amizade, quer me parecer que o problema essencial é saber se o que leva o homem a procurar a amizade é a fraqueza e a necessidade, a esperança de que uma troca de favores prestados e recebidos lhe permitirá obter do outro e depois devolver o que ele não poderia obter por si só, ou então, se essa não é uma simples característica da amizade, cuja causa está alhures, mais profunda, mais bela, mais diretamente oriunda da própria natureza. Pois o amor, do qual deriva a palavra amizade, é o primeiro impulso que leva à simpatia. Quanto ao lucro, muitas vezes, ocorre que o obtemos, mesmo com pessoas para com as quais demonstramos uma consideração que simula amizade, deferências que são devidas a circunstâncias. Ora, na amizade, não há nada de fingido, nada de simulado: tudo é verdadeiro e sincero.

27 A meu ver, é, pois, a natureza e não a insuficiência de meios que é a fonte da amizade, inclinação da alma a ligar-se por afeição, mais que o cálculo das vantagens que serão obtidas. Que é bem isso, é o que podemos constatar até mesmo em certos animais, nos

quae ex se natos ita amant ad quoddam tempus et ab eis ita amantur, ut facile earum sensus appareat. Quod in homine multo est evidentius, primum ex ea caritate, quae est inter natos et parentes, quae dirimi nisi detestabili scelere non potest, deinde, cum similibus sensus exstitit amoris, si aliquem nacti sumus, cuius cum moribus et natura congruamus, quod in eo quasi lumen aliquod probitatis et virtutis perspicere videamur.

28 Nihil est enim virtute amabilius, nihil, quod magis adiciat ad diligendum, quippe cum propter virtutem et probitatem etiam eos, quos numquam vidimus, quodam modo diligamus. Quis est, qui C. Fabrici, M. Curi non cum caritate aliqua benevola memoriam usurpet, quos numquam viderit? Quis autem est, qui Tarquinium Superbum, qui Sp. Cassium, Sp. Maerlium non oderit? Cum duobus ducibus de imperio in Italia est decertatum, Pyrrho et Hannibale: ab altero propter probitatem eius non nimis alienos animos habemus; alterum propter crudelitatem semper haec civitas oderit.

IX, 29 Quod si tanta vis probitatis est, ut eam vel in eis, quos numquam vidimus, vel, quod maius est, in hoste etiam diligamus, quid mirum est, si animi hominum moveantur, cum eorum, quibus cum usu coniuncti esse possunt, virtutem et bonitatem perspicere videantur?

quais o amor que eles têm por seus filhos, durante um certo tempo, e o amor que deles recebem, revelam claramente os sentimentos de que são possuídos. No homem, é mais óbvio ainda: primeiramente, nos laços de afeição que ligam pais e filhos e que somente um crime abominável pode destruir; além disso, quando semelhante sentimento de afeto nasce em nós, ao encontrarmos alguém cuja natureza e cujo caráter se afinam com os nossos, pois julgamos ver brilhar nessa pessoa uma luz de honestidade e de virtude.

28 Nada é mais sedutor que a virtude, nada inspira tanto afeto. Prova disso é o sentimento que nos inspiram pessoas que nunca vimos, só por causa de sua virtude e honestidade. Quem poderá pensar num Caio Fabricio, num Mânio Cúrio, sem por eles sentir alguma afetuosa simpatia, embora não os tenha conhecido pessoalmente? Por outro lado, quem não detesta Tarquínio, o Soberbo, Espúrio Cássio ou Espúrio Mélio¹⁴? Dois chefes militares nos disputaram o domínio da Itália, Pirro e Aníbal: a lealdade do primeiro nos impede de ter antipatia por ele, já a crueldade do segundo fará sempre nossa cidade detestá-lo.

IX, 29 Portanto, se o poder da honestidade é tão grande que nós a amamos até em pessoas que nunca vimos, e mais, até mesmo num inimigo, o que há de surpreendente que o homem se comova quando descobre virtude e honestidade em pessoas com as

¹⁴ Tarquínio, o Soberbo: sétimo e último rei de Roma, morreu em 494 a.C.

Espúrio Cássio: cônsul em 486 a.C., apresentou uma lei agrária que lhe permitia exercer um poder tirânico.

Espúrio Mélio: distribuiu trigo aos pobres (439 a.C.) e se tornou, também, suspeito da mesma ambição.

Quamquam confirmatur amor et beneficio accepto et studio perspecto et consuetudine adiuncta. Quibus rebus ad illum primum motum animi et amoris adhibitis, admirabilis quaedam exardescit benevolentiae magnitudo. Quam si qui putant ab inbecillitate proficisci, ut sit, per quem adsequatur, quod quisque desideret, humilem sane relinquunt et minime generosum, ut ita dicam, ortum amicitiae, quam ex inopia atque indigentia natam volunt. Quod si ita esset, ut quisque minimum esse in se arbitraretur, ita ad amicitiam esset aptissimus. Quod longe secus est.

30 Ut enim quisque sibi plurimum confidit et ut quisque maxime virtute et sapientia sic munitus est, ut nullo egeat suaque omnia in se ipso posita iudicet, ita in amicitias expetendis colendisque maxime excellit. Quid enim? Africanus indigens mei? Minime hercule! Ac ne ego quidem illius; sed ego admiratione quadam virtutis eius, ille vicissim opinione fortasse non nulla, quam de meis moribus habebat, me dilexit. Auxit benevolentiam consuetudo. Sed quamquam utilitates multae et magnae consecutae sunt, non sunt tamen ab earum spe causae diligendi profectae.

31 Ut enim benefici liberalesque sumus, non ut exigamus gratiam – neque enim beneficium faeneramus, sed natura propensi ad liberalitatem sumus –, sic amicitiam

quais ele pode se relacionar? Sem dúvida, o amor se consolida quando foi feito um favor, quando se manifestou o devotamento, quando os encontros se tornaram habituais; e quando tudo isso veio juntar-se ao primeiro arrebuo de uma alma apaixonada, então, a afeição toma toda a sua amplitude, qual chama de força admirável. Mas julgar que a amizade nasce da fraqueza e do desejo de ter alguém que nos proporcione o que desejamos é aviltar muito e, de certa forma, fazer decair as origens da amizade, fazendo-a nascer da necessidade e da carência. Se assim fosse, aqueles que tivessem menos confiança em si mesmos seriam sempre os mais capazes de amar. Ora, acontece exatamente o contrário.

30 Pois é aquele que mais confia em si mesmo, que mais conta com seu valor e sua sabedoria, de modo a não precisar de ninguém e a julgar que tem tudo em si mesmo, que mais consegue fazer amizades e cultivá-las. O quê? O Africano precisava de mim? De jeito nenhum, por Hércules! E eu, também, não precisava dele. Mas admirava o seu valor, e ele, por sua vez, tinha, certamente, alguma estima por meu caráter: assim nasceu a afeição, e nossas relações só fizeram a amizade crescer. Embora daí tenham advindo muitas e importantes vantagens, a nossa afeição não nasceu da esperança de as obter.

31 Com efeito, quando prestamos um favor e nos mostramos generosos, não pensamos em exigir reconhecimento; pois o favor prestado não é uma aplicação de dinheiro; por natureza, somos propensos à generosidade; assim, não devemos procurar a amizade, com esperança de recompensa, mas, pensamos nós,

non spe mercedis adducti, sed quod omnis eius fructus in ipso amore inest, expetendam putamus.

32 Ab his, qui pecudum ritu ad voluptatem omnia referunt, longe dissentiunt. Nec mirum; nihil enim altum, nihil magnificum ac divinum suspicere possunt, qui suas omnes cogitationes abiecerunt in rem tam humilem tamque contemptam. Quam ob rem hos quidem ab hoc sermone removeamus, ipsi autem intellegamus naturam gigni sensum diligendi et benevolentiae caritatem, facta significatione prohibitis. Quam qui appetiverunt, applicant se et propius admovent, ut et usu eius, quem diligere coeperunt, fruuntur et moribus sintque pares in amore et aequalis propensioresque ad bene merendum quam ad repositum, atque haec inter eos sit honesta certatio. Sic et utilitates ex amicitia maximae capientur, et erit eius ortus a natura quam ab inbecillitate gravior et verior. Nam si utilitas amicitias conglutinet, eadem commutata dissolveret. Sed quia natura mutari non potest, idcirco verae amicitiae sempiternae sunt. Ortum quidem amicitiae videtis, nisi quid ad haec forte vultis.

Fannius – Tu vero perge, Laeli. Pro hoc enim, qui minor est natu, meo iure respondeo.

Scaevola – Recte tu quidem. Quam ob rem audiamus.

com a convicção de que todo o proveito que ela proporciona está na própria afeição que inspira.

32 As pessoas que reduzem tudo ao prazer, tal como os animais, estão bem longe de esposar essas idéias. Não é de admirar: aqueles que centraram todo o seu pensamento num objeto tão vil e desprezível não são capazes de erguer seus olhos para o que quer que seja de elevado, de magnífico e divino. Deixemo-las fora da nossa conversa, e entendamos nós que a natureza é que cria o sentimento de afeição e a amizade, a qual nasce da simpatia, quando a honestidade¹⁵ se manifesta. Os que a procuram se aproximam para desfrutar do convívio e do caráter daquele que começaram a amar; para serem iguais nesse amor, mais propensos a prestarem favores do que a reclamá-los em troca, e instituírem, assim, entre si uma honrosa emulação. Dessa maneira, a amizade proporcionará as maiores vantagens e relacionando suas origens à natureza e não à necessidade, dar-se-á a esse sentimento uma fundamentação mais profunda e mais verdadeira. Pois se os laços de amizade fossem atados pela utilidade, eles se romperiam quando esta mudasse; mas como não se pode mudar a natureza, as verdadeiras amizades são eternas. Vocês têm aí a origem da amizade, a menos que tenham algo a objetar.

FÂNIO – Não. Continue, Lélío. Eu respondo por ele, que é o caçula; eu tenho esse direito.

CÉVOLA – É isso mesmo. Vamos ouvi-lo, então.

¹⁵ Nesse ataque frontal aos epicuristas (que são comparados a animais, por privilegiarem o prazer em si), Cícero diferencia o mero instinto (que também se origina na natureza, tal como a amizade), destacando o valor supremo da virtude. Vale notar que esta – a virtude – também provém, para Cícero e estoícos, da natureza.

X, 33 *Laelius* – Audite vero, optumī virī, ea, quae saepissime inter me et Scipionem de amicitia disserebantur. Quamquam ille quidem nihil difficilīus esse dicebat, quam amicitiam usque ad extremum vitae diem permanere. Nam vel ut non idem expediret, incidere saepe, vel ut de re publica non idem sentiretur; mutari etiam mores hominum saepe dicebat, alias adversis rebus, alias aetate ingravescere. Atque earum rerum exemplum ex similitudine capiebat ineuntis aetatis, quod summi puerorum amores saepe una cum praetexta toga ponerentur;

34 Sin autem ad adulescentiam perduxissent, dirimi tamen interdum contentione vel uxoriae conditionis vel commodi alicuius, quod idem adipisci uterque non posset. Quod si qui longius in amicitia provecti essent, tamen saepe labefactari, si in honoris contentionem incidissent; pestem enim nullam maiorem esse amicitiae, quam in plerisque pecuniae cupiditatem, in optimis quibusque honoris certamen et gloriae; ex quo inimicitias maximas saepe inter amicissimos exstissem.

35 Magna etiam discidia et plerumque iusta nasci, cum aliquid ab amicis, quod rectum non esset, postularetur, ut aut libidinis ministri aut adiutores essent ad iniuriam. Quod qui recusarent, quamvis honeste id facerent, ius tamen amicitiae deserere arguerentur ab

X, 33 *LÉLIO* – Sim, meus amigos, ouçam as idéias que, freqüentemente, Cipião e eu trocávamos a respeito da amizade. Apesar do que vimos, ele, pessoalmente, dizia que nada é mais difícil do que fazer durar uma amizade até o último dia da vida. Pois, muitas vezes, acontece que os interesses dos dois amigos não coincidem mais ou, ainda, que suas posições políticas não estejam mais de acordo; muitas vezes, ainda, dizia ele, os caracteres mudam, ora sob o efeito da adversidade, ora sob o peso da idade. E exemplificava fazendo uma comparação com o que ocorre na adolescência: as afeições mais profundas das crianças, muitas vezes, são abandonadas, quando deixam a toga pretexta.

34 E se duram até a adolescência, às vezes, são interrompidas por uma rivalidade, que nasceu, ou por causa de um contrato de casamento, ou por alguma vantagem que os dois amigos não podem obter simultaneamente. Quanto àqueles que persistem, por mais tempo ainda, em sua amizade, muitas vezes, ela fica abalada, quando estão concorrendo a alguma magistratura. Pois, na grande maioria dos homens, não há pior desgraça para a amizade do que a paixão pelo dinheiro, e entre aqueles que são, relativamente, os melhores, não há pior desgraça do que a disputa pelas magistraturas e pela glória; muitas vezes, é assim que irrompem as mais profundas inimizades entre os amigos mais íntimos.

35 Nasçam, ainda, profundas discórdias, e geralmente, justificáveis, quando se pede aos amigos algo que não seja correto, como ajudar a satisfazer um apetite sensual, ou a cometer uma injustiça. Aqueles que se recusam a isso, embora com justa razão, são acusados

iis, quibus obsequi nollent. Illos autem, qui quidvis ab amico auderent postulare, postulatione ipsa profiteri omnia se amici causa esse facturos. Eorum querele inveterata non modo familiaritates exstingui solere, sed odia etiam gigni sempiternia. Haec ita multa quasi fata impendere amicitii, ut omnia subterfugere non modo sapientiae, sed etiam felicitatis diceret sibi videri.

XI, 36 Quam ob rem id primum videamus, si placet, quatenus amor in amicitia progredi debeat. Numne, si Coriolanus habuit amicos, ferre contra patriam arma illi cum Coriolano debuerunt? Num Vecellinum amici regnum appetentum, num Maelium debuerunt iuvare?

37 Tib. quidem Gracchum rem publicam vexantem a Q. Tuberone aequalibusque amicis derelictum videbamus. At C. Blossius Cumanus, hospes familiae vestrae, Scaevola, cum ad me, quod aderam Laenati et Rupilio consulibus in consilio, deprecatum venisset, hanc, ut sibi ignoscerem, causam adferebat, quod tanti Tib. Gracchum fecisset, ut, quidquid ille vellet,

de trair os direitos da amizade por aqueles aos quais não quiseram atender. E aqueles que ousam pedir seja lá o que for a um amigo demonstram, por seu próprio pedido, que estão prontos a fazer tudo para ajudar o amigo. Suas queixas, em geral, não só acabam com as mais antigas amizades, elas geram ódios eternos. Aí estão as fatalidades, por assim dizer, que ameaçam as amizades, e são tão numerosas, que para escapar a todas elas, segundo Cipião, não basta sabedoria, é preciso, ainda, sorte.

XI, 36 Por conseguinte, se vocês concordam, vejamos, primeiramente, até onde deve ir a afeição, na amizade. Se Coriolano¹⁶ tinha amigos, deviam eles, então, pegar em armas contra sua pátria, só para segui-lo? E quando Vecelino e Mélio¹⁷ queriam ser reis, deviam seus amigos ajudá-los?

37 Quando Tibério Graco instalava a agitação no Estado, nós o vimos abandonado por Quinto Tuberão e pelos amigos que ele tinha entre as pessoas de sua geração. Ao contrário, quando eu fazia parte do conselho dos cônsules Lenas e Rupílio, Caio Blóssio, de Cumas, hóspede de sua família, Cévola, veio suplicar o meu perdão, explicando sua conduta, pela admiração que Tibério Graco lhe inspirava e que era tão profunda

¹⁶ Cneu Márcio recebeu o cognome de Coriolano por ter tomado dos volscos a cidade de Coriole, em 491 a.C. Três anos depois, numa disputa política entre patrícios e plebeus, foi exilado e passou-se para o lado dos volscos, liderando suas tropas para atacar Roma. Quando estava prestes a entrar na cidade, sua mãe e sua irmã o convenceram a não consumir a invasão. Abandonou, por isso, o seu intento e foi assassinado pelos volscos.

¹⁷ São exemplo de "traidores" que se insurgiram contra a pátria. No parágrafo 28, Cícero já havia feito referência a Mélio, que, numa disputa pelo poder, foi condenando à morte, em 439 a.C.

sibi faciendum putaret. Tum ego: "Etiamne, si te in Capitolium faces ferre vellet? – "Numquam", inquit, "voluisset id quidem; sed si voluisset, paruissem." Videtis, quam nefaria vox! Et hercule ita fecit vel plus etiam, quam dixit; non enim paruit ille Ti. Gracchi temeritati, sed praeiuit, nec se comitem illius furoris, sed ducentem praeiuit. Itaque hac amentia quaestione nova perterritus, in Asiam profugit, ad hostes se contulit, poenas rei publicae graves iustasque persolvit. Nulla est igitur excusatio peccati, si amici causa peccaveris; nam cum conciliatrix amicitiae virtutis opinio fuerit, difficile est amicitiam manere, si a virtute defeceris.

38 Quod si rectum statuerimus vel concedere amicis, quidquid velint, vel inpetrare ab iis, quidquid velimus, perfecta quidem sapientia simus, si nihil habeamus res vitii; sed loquimur de iis amicis, qui ante oculos sunt, quos videmus aut de quibus memoria accipimus, quos novit vita communis. Ex hoc numero nobis exempla sumenda sunt, et eorum quidem maxime, qui ad sapientiam proxime accedunt.

39 Videmus Papum Aemilium Luscino familiarem fuisse – sic a patribus accepimus –, bis una consules, collegas in censura; tum et cum iis et inter se coniunctissimos fuisse M'. Curium, Ti. Coruncanium

que ele se julgava obrigado a fazer todos os seus desejos. E eu perguntei: "Mesmo que ele tivesse querido incendiar o Capitólio?" – "Jamais ele me teria feito semelhante pedido", respondeu ele, "mas se o tivesse feito, eu teria obedecido". Vejam que palavras abomináveis! E, por Hércules, é o que ele fez, e até mais do que tinha dito: ele não esteve às ordens da temeridade de Tibério Graco, ele a dirigiu, não foi um cúmplice da sua loucura, foi um guia. Por isso, em tal desvario, quando foi formada uma nova comissão de inquérito, ele se assustou, fugiu para a Ásia, passou-se para o inimigo e, depois, pagou seu crime contra o Estado, com severo e merecido castigo. Não é, pois, uma desculpa por um erro, dizer que errou, só para ajudar um amigo: como a amizade nasceu da estima que a virtude inspira, dificilmente ela poderá subsistir, se abandonarmos a virtude.

38 E se nunca tivermos por princípio conceder aos amigos tudo o que eles quiserem ou conseguir deles o que quisermos, então, seremos sábios perfeitos, se conseguirmos fazê-lo sem cometer nenhum erro. Mas estamos falando dos amigos que temos diante dos olhos, que conhecemos pessoalmente ou de quem ouvimos falar, daqueles que fazem parte da vida de todos nós: é neles que devemos buscar modelos, de preferência, naqueles que mais se aproximam da sabedoria.

39 Sabemos que Papo Emílio e Luscínio foram grandes amigos – conforme nossos antepassados nos transmitiram –, duas vezes cônsules, na mesma época, e colegas também no exercício do cargo de censor; ademais, as estreitas relações de amizade que mantinham com Mânio Cúrio e Tibério Coruncânio, também

memoriae proditum est. Igitur ne suspicari quidem possumus quemquam horum ab amico quippiam contendisse, quod contra fidem, contra ius iurandum, contra rem publicam esset. Nam hoc quidem in talibus viris quid attinet dicere, si contendisset, impetratum non fuisse? cum illi sanctissimi viri fuerint, aequae autem nefas sit tale aliquid et facere rogatum et rogare. At vero Tib. Gracchum sequebantur C. Carbo, C. Cato, et minime tum quidem C. frater nunc idem acerrimus.

XII, 40 Haec igitur lex in amicitia sancitur, ut neque rogemus res turpes nec faciamus rogati. Turpis enim excusatio est et minime accipienda, cum in ceteris peccatis, tum si quis contra rem publicam se amici causa fecisse fateatur. Etenim eo loco, Fanni et Scaevola, locati sumus, ut nos longe prospicere oporteat futuros casus rei publicae. Deflexit iam aliquantum de spatio curriculumque consuetudo maiorum.

41 Tib. Gracchus regnum occupare conatus est, vel regnavit is quidem paucos menses. Num quid simile populus Romanus audierat aut viderat? Hunc etiam post mortem secuti amici et propinqui quid

eles muito unidos, passaram para a posteridade. Portanto, não há como imaginar que qualquer um deles tenha jamais exigido do outro algo contrário à lealdade, à palavra dada ou aos interesses da República. Pois, com homens dessa qualidade, será preciso dizer que nada conseguiria quem pedisse o que não fosse correto, uma vez que eles foram homens perfeitos e que ceder a um pedido desses ou apresentá-lo o crime é o mesmo? Por outro lado, Tibério Graco tinha em seu séquito Caio Carbão, Caio Catão e seu irmão Caio, na época, moderado, mas hoje, muito violento¹⁸.

XII, 40 Eis, pois, a lei que é preciso estabelecer na amizade: não pedir nada de desonesto, e também, não atender a pedido dessa espécie. Pois é vergonhoso e totalmente inaceitável pretender desculpar-se de suas más ações, sobretudo, as que ameaçam destruir o Estado, confessando que as cometeu para ajudar um amigo. Com efeito, Fânio e Cévola, na posição que nós ocupamos no Estado, somos obrigados a prever, de longe, os perigos que rondam a República. Ora, antes de nós, já houve, nos costumes, um certo afastamento dos caminhos seguidos por nossos antepassados.

41 Tibério Graco procurou tornar-se rei e até reinou, de fato, por alguns meses. Porventura, o povo romano houvera jamais visto ou ouvido algo de semelhante? Mesmo após sua morte, os amigos e os parentes, imitando o seu exemplo, comportaram-se em relação a

¹⁸ Caio Carbão, cônsul em 120 a.C. e Caio Catão, cônsul em 114, ambos apoiadores dos Gracos. Já o terceiro Caio, referido depois, é o irmão mais novo de Tibério – Caio Semprônio Graco – que foi tribuno em 123-122 a.C., quando tentou retomar as reformas defendidas pelo irmão e foi assassinado por ordem da aristocracia.

in P. Scipione effecerint, sine lacrimis non queo dicere. Nam Carbonem, quocumque modo potuimus, propter recentem poenam Tib. Gracchi sustinuimus. De C. Gracchi autem tribunatu quid exspectem, non lubet augurari. Serpit deinde res, quae proclivis ad perniciem, cum semel coepit, labitur. Videtis, in bella iam ante quanta sit facta labe, primo Gabinia lege, biennio autem post Cassia. Videre iam videor populum a senatu disiunctum, multitudinis arbitrio res maximas agi. Plures enim discent, quem ad modum haec fiant, quam quem ad modum his resistatur.

42 Quorsum haec? Quia sine sociis nemo quidquam tale conatur. Praecipuum est igitur bonis, ut, si in eius modi amicitias ignari casu aliquo inciderint, ne existiment ita se alligatos, ut ab amicis in magna aliqua re peccantibus non discedant. Inprobis autem

Públio Cípião, de maneira tal que não posso falar disso sem ir às lágrimas¹⁹. Quanto a Carbo, nós o suportamos o quanto foi possível, pois Tibério Graco mal acabara de ser punido. Mas que podemos esperar do tribunato de Caio Graco? Não quero procurar prever o futuro. O mal se propaga logo e, uma vez lançado, desliza ladeira abaixo, até a ruína total. Vocês vêem que mal já fizeram as leis a respeito da organização dos votos, primeiro, a lei Gabinia e, dois anos depois, a lei Cássia²⁰. Parece-me ver, doravante, o povo em conflito com o senado, e as questões mais importantes decididas segundo o capricho da multidão. Pois haverá muito mais gente interessada em aprender como provocar tais desordens do que em procurar o meio de enfrentá-las.

42 Afinal, por que estas considerações. É que, sozinho, ninguém tenta semelhante empresa. Eis, pois, como devem proceder as pessoas de bem: se, por acaso, ficarem envolvidas, sem saber, com pessoas dessa espécie e que podem complicá-las, elas não devem se julgar obrigadas a permanecer fiéis a amigos que sejam autores de ação criminosas, numa questão importante; quanto aos maus cidadãos, é preciso prever para eles uma pena severa, e outra não menos severa para

¹⁹ Quando Tibério Graco morreu, o povo, revoltado, obrigou Públio Cípião Násica – que o havia combatido vigorosamente – a fugir de Roma para a Ásia Menor, onde acabou falecendo.

²⁰ A lei Gabinia, proposta por Aulo Gabinio, em 139 a.C., determinava que os magistrados deveriam ser eleitos em votação secreta. A lei Cássia (apresentada por Lúcio Cássio Ravila) estendia o voto secreto aos julgamentos. Ambas contrariavam os interesses dos aristocratas, cuja alegação era de que elas tiravam poder do senado e o entregavam ao povo, coisa que julgavam inadmissível.

poena statuenda est, nec vero minor iis, qui secuti erunt alterum, quam iis, qui ipsi fuerint impietatis duces. Quis clarius in Graecia Themistocle, quis potentior? Qui cum imperator bello Persico servitute Graeciam liberavisset propterque invidiam in exilium expulsus esset, ingratae patriae iniuriam non tulit, quam ferre debuit, fecit idem, quod XX annis ante apud nos fecerat Coriolanus. His adiutor contra patriam inventus est nemo; itaque mortem sibi uterque conscivit.

43 Quare talis inprobiorum consensio non modo excusatione amicitiae tegenda non est, sed potius supplicio omni vindicanda est, ut ne quis concessum putet amicum vel bellum patriae inferentem sequi; quod quidem, ut res ire coepit, haud scio an aliquando futurum sit. Mihi autem non minori curae est, qualis res publica post mortem meam futura, quam qualis hodie sit.

XIII, 44 Haec igitur prima lex amicitiae sancitur, ut ab amicis honesta petamus, amicorum causa honesta faciamus, ne exspectemus quidem, dum rogemur; studium semper adsit, cunctatio absit; consilium vero dare audeamus libere. Plurimum in amicitia amicorum bene suadentium valeat auctoritas, eaque et adhibeatur ad monendum non modo aperte, sed etiam acriter, si res postulabit, et adhibitae pareatur.

aqueles que tiverem apenas acompanhado alguém e para aqueles que tiverem dirigido, pessoalmente, o atentado. Quem, na Grécia, foi mais ilustre do que Themístocles? Quem foi mais poderoso? Embora ele tivesse, à frente das tropas, libertado a Grécia da escravidão, durante a guerra contra os persas, o ódio de seus inimigos o havia mandado para o exílio; então, não sabendo, como deveria, suportar a injustiça de sua pátria ingrata, ele se conduziu como, 20 anos antes, Coriolano o havia feito entre nós. Para ajudá-los na luta contra sua pátria, eles não encontraram ninguém: por isso, ambos se mataram.

43 Portanto, um conluio assim de maus cidadãos não deve ser acobertado com a desculpa da amizade; devemos, antes, puni-lo, recorrendo a todas as formas de suplícios, para que ninguém se julgue autorizado a seguir seu amigo, mesmo quando luta contra a pátria; ora, pelo modo como andam as coisas, é bem capaz que, um dia, isso aconteça. E de minha parte, eu não me preocupo só com a situação atual da república, mas, também, com o que será dela depois de eu morrer.

XIII, 44 Por conseguinte, eis a primeira lei a estabelecer na amizade: só pedir aos amigos coisas honestas; para ajudar os amigos, só fazer coisas honestas, sem sequer esperar que eles peçam; mostrar sempre desvelo; evitar qualquer hesitação; enfim, ter a coragem de dar francamente a sua opinião. Na amizade, é preciso sempre ouvir os amigos que dão bons conselhos; que eles intervenham, não somente para advertir, com franqueza, mas até com energia, se a situação o exigir, e que essa intervenção seja acatada.

45 Nam quibusdam, quos audio sapientes habitos in Graecia, placuisse opinor mirabilia quaedam (sed nihil est, quod illi non persequantur argutiis): partim fugiendas esse nimias amicitias, ne necesse sit unum sollicitum esse pro pluribus; satis superque esse sibi suarum cuique rerum, alienis nimis implicari molestum esse; commodissimum esse quam laxissimas habenas habere amicitiae, quas vel adducas, cum velis, vel remittas; caput enim esse ad beate vivendum securitatem, qua frui non possit animus, si tamquam parturiat unus pro pluribus.

46 Alios autem dicere aiunt multo etiam inhumanius, (quem locum breviter paulo ante perstrinxit) praesidium adiumentique causa, non benevolentiae neque caritatis amicitias esse expetendas; itaque, ut quisque minimum firmitatis haberet minimumque virum, ita amicitias adpetere maxime; ex eo fieri, ut mulierculae magis amicitiarum praesidia quaerant quam viri et inopes quam opulenti et calamitosi quam ii, qui putentur beati.

47 O praeclearam sapientiam! Solem enim e mundo tollere videntur, qui amicitiam e vita tollunt, qua nihil a dis immortalibus melius habemus, nihil iucundius. Quae est enim ista securitas? Specie quidem blanda, sed reapse multis locis repudianda. Neque enim est consentaneum ullam honestam rem actionemve, ne

45 Pois certos pensadores que, na Grécia, ao que ouço dizer, foram considerados sábios, tomaram, creio eu, posições muito estranhas (mas não há idéias que eles não sejam capazes de desenvolver a poder de argúcias). Segundo uns, é preciso fugir das amizades por demais amplas, para que um só não tenha que se preocupar com vários: cada um, com seus próprios problemas, já tem bastante para si e até mais do que é preciso; preocupar-se com os problemas dos outros já é demais; o melhor é deixar as rédeas da amizade soltas o máximo possível, puxando-as ou afrouxando-as, à vontade; pois o essencial, para viver feliz, é ter tranquilidade, e o espírito não pode desfrutá-la, se precisar, sozinho, de certa forma, sofrer por vários.

46 Outros defendem, é o que dizem, idéias ainda mais inhumanas: eu já abordei rapidamente essa questão. Segundo eles, devemos fazer amizade, para buscar proteção e apoio e não afeição e carinho; assim, aqueles que têm menos firmeza, menos forças, são aqueles que mais procuram a amizade; donde se segue, que as coitadas das mulheres procuram a proteção da amizade mais do que os homens, os pobres, mais do que os ricos, os infelizes mais do que aqueles que julgamos felizes.

47 Bela sabedoria! Para mim, aqueles que privam a vida de amizade privam o universo de sol: e os deuses imortais não nos deram nada de melhor, nada de mais agradável. Com efeito, que é essa tranquilidade de que nos falam? Algo de aparência insinuante, mas a que, na realidade, em muitas situações, é preciso renunciar. Pois não está certo deixar de empreender um trabalho, uma ação honesta, só para não ficar

sollicitus sis, aut non suscipere aut susceptam depocere. Quod si curam fugimus, virtus fugienda est, quae necesse est cum aliqua cura res sibi contrarias aspernetur atque oderit, ut bonitas malitiam, temperantia libidinem, ignaviam fortitudo; itaque videas rebus iniustus iustus maxime dolere, imbellibus fortes, flagitiosis modestos. Ergo hoc proprium est animi bene constituti, et laetari bonis rebus et dolere contrariis.

48 Quam ob rem, si cadit in sapientem animi dolor, qui profecto cadit, nisi ex eius animo extirpatam humanitatem arbitramur, quae causa est, cur amicitiam funditus tollamus e vita, ne aliquas propter eam suscipiamus molestias? Quid enim interest motu animi sublato non dico inter pecudem et hominem, sed inter hominem et truncum aut saxum aut quidvis generis eiusdem? Neque enim sunt isti audiendi, qui virtutem duram et quasi ferream esse quandam volunt; quae quidem est cum multis in rebus, tum in amicitia tenera atque tractabilis, ut et bonis amici quasi diffundatur et incommotis contrahatur. Quam ob rem angor iste, qui pro amico saepe capiendus est, non tantum valet, ut tollat e vita amicitiam, non plus quam ut virtutes, quia non nullas curas et molestias adherunt, repudientur.

preocupado, ou abandonar tal ação, após tê-la entendido. E se fugimos às preocupações, precisamos fugir às virtudes, que, inevitavelmente, fazem nascer alguma preocupação, inspirando desprezo e ódio por seus contrários: a bondade pela maldade, a temperança pela luxúria e a coragem pela covardia. Vemos, assim, que a injustiça aflige, sobretudo, os justos, a covardia, os corajosos, a libertinagem, os virtuosos. O que caracteriza, pois, uma alma bem constituída é alegrar-se diante do bem e ficar triste diante do mal.

48 Nessas condições, se é verdade que a alma do sábio está sujeita à dor – e está, com certeza, a menos que se suponha que toda a sensibilidade lhe foi arrancada –, por que razão tirar, totalmente, a amizade da vida, para que ela não nos faça sentir algum sofrimento? Com efeito, se suprimirmos da alma a sua emotividade, que diferença haverá, já não digo entre um animal e um homem, mas entre um homem e um tronco de árvore, um rochedo, ou qualquer outro objeto do gênero? Pois não devemos ouvir aqueles que pretendem que a virtude seja rude e como que revestida de ferro, sendo que há muitos casos, especialmente, a amizade, em que ela se mostra meiga e tratável, deixando-se, de certa maneira, expandir-se com a felicidade de um amigo e retraindo-se com sua infelicidade. Assim sendo, a angústia, que, muitas vezes, precisamos sentir por um amigo não deve nos levar a privar a vida de amizade, assim como não devemos renunciar às virtudes só porque trazem algumas preocupações e alguns aborrecimentos.

XIV Cum autem contrahat amicitiam, ut supra dixi, si qua significatio virtutis eluceat, ad quam se similis animus adplicet et adiungat, id cum contigit, amor exoriatur necesse est.

49 Quid enim tam absurdum, quam delectari multis inanibus rebus, ut honore, ut gloria, ut aedificio, ut vestitu cultuque corporis, animante autem virtute praedito, eo qui vel amare vel, ut ita dicam, redamare possit, non admodum delectari? Nihil est enim remuneratione benevolentiae, nihil vicissitudine studiorum officiorumque iucundius.

50 Quid, si illud etiam addimus, quod recte addi potest, nihil esse, quod ad se rem ullam tam alliciat et tam attrahat, quam ad amicitiam similtudo? Concedetur profecto verum esse, ut bonos boni diligant adsciscantque sibi quasi propinquitate coniunctos atque natura. Nihil est enim appetentius similitum sui nec rapacius quam natura. Quam ob rem hoc quidem, Fanni et Scaevola, constet, ut opinor, bonis inter bonos quasi necessariam benevolentiam, qui est amicitiae fons a natura constitutus. Sed eadem bonitas etiam ad multitudinem pertinet. Non enim est inhumana virtus neque inmundis neque superba, quae etiam populos universos tueri eisque optume consulere soleat; quod non faceret profecto, si a caritate vulgi abhorreret.

51 Atque etiam mihi quidem videntur, qui utilitatum causa fingunt amicitias, amabilissimum nodum

XIV Ora, como eu disse mais acima, visto que a amizade nasce, quando a virtude se manifesta com algum brilho, levando a alma que se lhe assemelha a se juntar e se unir a ela, quando isso ocorre, inevitavelmente, nasce a afeição.

49 Haverá coisa mais absurda do que se encantar com coisas vãs, como as honrarias, a glória, as construções, as vestimentas, os adornos, e não achar igual encanto numa alma virtuosa, portanto, capaz de amar, ou melhor, de pagar, por assim dizer, amor com amor? Pois nada é mais agradável do que ter sua afeição retribuída e trocar desvelos e favores.

50 E se acrescentarmos, ainda, como temos o direito de fazê-lo, que não há nada que exerça tanta atração e sedução como a semelhança de natureza que leva à amizade, hão de concordar, certamente, conosco, que é verdade que os homens de bem gostam dos homens de bem e a eles se juntam como se estivessem ligados pelo parentesco e pela natureza. Pois nada procura tanto o seu semelhante, nem com tanta avidez, como a natureza. Nessas condições, podemos estabelecer como certo, penso eu, Fânio e Cévola, que os homens de bem sentem em relação aos homens de bem uma afeição, de certo modo, inevitável, e que é a fonte que a natureza instituiu para a amizade. Mas essa mesma bondade estende-se, também, à multidão. Pois a virtude não é desumana, egoísta, orgulhosa, chegando, muitas vezes, a proteger povos infelizes e a cuidar de seus interesses, e, certamente, não o faria, se evitasse amar a multidão.

51 Parece-me, igualmente, que aqueles que fazem do interesse o objetivo das amizades tiram desse vínculo o que ele tem de mais digno de amor. Pois o que nos

amicitiae tollere. Non enim tam utilitas parta per amicum quam amici amor ipse delectat, tumque illud fit, quod ab amico est profectum, iucundum, si cum studio est profectum; tantumque abest, ut amicitiae propter indigentiam colantur, ut ii, qui opibus et copiis maximeque virtute, in qua plurimum est praesidii, minime alterius indigeant, liberalissimi sint et beneficentissimi. Atque haud sciam an ne opus sit quidem nihil umquam omnino deesse amicis. Ubi enim studia nostra viguissent, si numquam consilio, numquam opera nostra nec domi nec militiae Scipio eguisset? Non igitur utilitatem amicitia, sed utilitas amicitiam secuta est.

XV, 52 Non ergo erunt homines deliciis diffuentes audiendi, si quando de amicitia, quam nec usu nec ratione habent cognitam, disputabunt. Nam quis est, pro deorum fidem atque hominum! qui velit, ut neque diligat quemquam nec ipse ab ullo diligatur, circumfluere omnibus copiis atque in omnium rerum abundantia vivere? Haec enim est tyrannorum vita nimirum, in qua nulla fides, nulla caritas, nulla stabilis benevolentiae potest esse fiducia, omnia semper suspecta atque sollicita, nullus locus amicitiae.

53 Quis enim aut eum diligat, quem metuat, aut eum, a quo se metui putet? Coluntur tamen simulatione

encanta não é a vantagem auferida com um amigo, mas exatamente a sua afeição e o que um amigo nos proporciona só é agradável, com a condição que o faça com afeto. É tão pouco provável que se cultive a amizade para satisfazer a uma carência, que são justamente as pessoas a quem não faltam os recursos, as riquezas, e, sobretudo, o que há de mais precioso, a virtude, o que lhes permite não precisar de ninguém, que são as mais generosas e as mais beneficentes. Aliás, eu, verdadeiramente, não sei se é mesmo importante que os amigos nunca precisem de nada. Como é que a amizade entre mim e Cipião teria nascido, se ele jamais tivesse precisado de um conselho, de um favor meu, tanto na paz como na guerra? Por conseguinte, a nossa amizade não nasceu por ser útil, mas a utilidade teve por origem a amizade.

XV, 52 Não deveremos, pois, dar ouvidos a pessoas enganescidas pelo prazer, quando falarem da amizade, da qual não têm nenhum conhecimento, nem prático nem teórico. Com efeito – pergunto eu aos deuses e aos homens – quem é que aceitaria que lhe proibissem de amar alguém e de ser amado por alguém, só para poder ter tudo na vida, e viver numa abundância total? Pois tal é, exatamente, a vida dos tiranos, em que não há lugar nem para a lealdade, nem para a afeição, nem para a certeza de inspirar um bem-querer durável: tudo nela está sempre cheio de suspeitas e de inquietações, e a amizade lá não encontra lugar.

53 Portanto, quem poderia amar aquele de quem tem medo ou a quem pense inspirar medo²¹? Essas pessoas,

²¹ Cícero, aqui, numa inversão brilhante, questiona o ditado *Oderint dum metuant* (Podem-me odiar, desde que me temam).

dumtaxat ad tempus. Quod si forte, ut fit plerumque, ceciderunt, tum intellegitur, quam fuerint inopes amicorum. Quod Tarquinium dixisse ferunt exultantem, tum se intellexisse, quos fidos amicos habuisset, quos infidos, cum iam neutris gratiam referre posset.

54 Quamquam miror, illa superbia et importunitate si quemquam amicum habere potuit. Atque ut huius, quem dixi, mores veros amicos parare non potuerunt, sic multorum opes praepotentium excludunt amicitias fideles. Non enim solum ipsa Fortuna caeca est, sed eos etiam plerumque efficit caecos, quos complexa est; itaque efferuntur fere fastidio et contumacia, nec quicquam insipiente fortunato intolerabilius fieri potest. Atque hoc quidem videre licet, eos, qui antea commodis fuerint moribus, imperio, potestate, prosperis rebus inmutari, sperni ab iis veteres amicitias, indulgeri novis.

55 Quid autem stultius quam, cum plurimum copiis, facultatibus, opibus possint, cetera parare, quae parantur pecunia, equos, famulos, vestem egregiam, vasa pretiosa, amicos non parare, optumam et pulcherriam vitae, ut ita dicam, supellectilem? Etenim cetera cum parant, cui parent, nesciunt, nec cuius causa

entretanto, são consideradas, no mínimo, por fingimento, e durante um certo tempo. Mas, se um dia vierem a cair, como acontece quase sempre, então, se descobrem quão pobres de amigos elas eram. De acordo com a tradição, é o que disse Tarquínio²², por ocasião do seu exílio: que só havia descoberto a fidelidade e a infidelidade de seus amigos, no dia em que não podia mais retribuir nem a uns nem aos outros.

54 Muito me admira, aliás, que com seu orgulho e sua arrogância, ele possa ter tido algum amigo. E assim como o caráter impediu este de quem eu acabo de falar de ter verdadeiros amigos, assim, também, em muitos casos, os recursos dos poderosos é que afastam deles as amizades fiéis. Pois a sorte, além de ser cega, quase sempre, também engecece aqueles a quem ama; geralmente, deixam-se arrastar pelo orgulho e pela arrogância e não há nada mais insuportável do que um tolo que foi mimado pela sorte. Podemos, até, ver pessoas que, antes, tinham um caráter amável, e quando obtêm um comando, quando alcançam o poder e a prosperidade, mudam de comportamento e se põem, então, a desprezar suas antigas amizades e preferir as novas.

55 Que há de mais insensato, entretanto, quando se dispõe de recursos, de riqueza, de grande influência, do que procurar ter tudo o que é possível obter com dinheiro, cavalos, servos, guarda-roupa esplêndido, louça cara, e não granjear amigos, que constituem, por assim dizer, o melhor e mais belo objeto a dar a sua vida? Com efeito, quando essas pessoas adquirem

²² Veja nota do parágrafo 28.

laborent. Eius enim est istorum quidque, qui vicit viribus, amicitiarum sua cuique permanet stabilis et certa possessio; ut, etiamsi illa maneant, quae sunt quasi dona Fortunae, tamen vita inculta et deserta ab amicis non possit esse iucunda. Sed haec hactenus.

XVI, 56 Constituendi autem sunt, qui sint in amicitia fines et quasi termini diligendi. De quibus tres video sententias ferri, quarum nullam probro, unam, ut eodem modo erga amicum adfecti simus, quo erga nosmet ipsos, alteram, ut nostra in amicos benevolentia illorum erga nos benevolentiae pariter aequaliterque respondeat, tertiam, ut, quanti quisque se ipse facit, tanti fiat ab amicis.

57 Harum trium sententiarum nulli prorsus adsentior. Nec enim illa prima vera est, ut, quem ad modum in se quisque sit, sic in amicum sit animatus. Quam multa enim, quae nostra causa numquam faceremus, facimus causa amicorum! Precari ab indigno, supplicare, tum acerbius in aliquem invehi insectarique vehementius! Quae in nostris rebus non satis honeste, in amicorum fiunt honestissime; multaeque res sunt, in quibus de suis commodis viri boni multa

todos esses bens, não sabem a quem os proporcionam nem por quem trabalham; pois cada um desses bens vai para quem o consegue à força; quanto às amizades, ao contrário, cada um tem sobre elas um direito sólido e assegurado. Por conseguinte, mesmo se ainda temos alguns bens que, de certa forma, são dons da sorte, não pode haver encanto algum numa vida deixada ao abandono e desertada de amigos. Mas chega de falar desse assunto.

XVI, 56 É preciso, agora, fixar os limites e as balizas, por assim dizer, da afeição na amizade. A esse respeito, eu vejo que se apresentam três teorias, nenhuma das quais tem a minha aprovação: uma delas quer que os sentimentos que nutrimos por nossos amigos sejam iguais aos que temos por nós mesmos; a outra, que nossa afeição por nossos amigos seja exata e rigorosamente proporcional à afeição que eles têm por nós; a terceira, que a estima que cada um tem por si mesmo seja a medida da estima que ele inspira a seus amigos.

57 Dessas três teorias, não há uma única que tenha a minha inteira aquiescência. Primeiramente, não é verdade que a atitude que adotamos a nosso respeito rege o nosso estado de espírito em relação a nossos amigos. Com efeito, quantas vezes fazemos por amigos o que não faríamos por nós mesmos! Diligências junto a pessoas indignas de nossa estima, pedidos, ou então, uma acusação muito forte contra tal outra, um ataque muito veemente: tais atitudes, que não são muito honestas quando se trata de nós mesmos, são honestíssimas quando se trata de nossos amigos e, muitas vezes, acontece que os homens de bem se

detrahunt detrahique patiuntur, ut iis amici potius quam ipsi fruuntur.

58 Altera sententia est, quae definit amicitiam paribus officiis ac voluntatibus. Hoc quidem est nimis exigue et exiliter ad calculos vocare amicitiam, ut par sit ratio acceptorum et datorum. Divitior mihi et affluentior videtur esse vera amicitia nec observare restricte, ne plus reddat quam acceperit; neque enim verendum est, ne quid excidat, aut ne quid in terram defluat, aut ne plus aequo quid in amicitiam congeratur.

59 Tertius vero ille finis deterrumus, ut, quanti quisque se ipse faciat, tanti fiat ab amicis. Saepe enim in quibusdam aut animus abiectior est aut spes amplificandae fortunae fractior. Non est igitur amici talem esse in eum, qualis ille in se est, sed potius eniti et efficere, ut amici iacentem animum excitet inducatque in spem cogitationemque meliorem. Alius igitur finis verae amicitiae constituendus est, si prius, quid maxime reprehendere Scipio solitus sit, edixero. Negabat ullam vocem inimiciorum amicitiae potuisse reperiri, quam eius, qui dixisset ita amare oportere, ut si aliquando esset osurus; nec vero se adduci posset, ut hoc, quem ad modum putaretur, a Biante esse dictum crederet, qui sapiens habitus esset unus e

privam de boa parte de suas vantagens ou aceitam delas se privar para que seus amigos as desfrutem mais do que eles mesmos.

58 A segunda teoria é a que define a amizade pela igualdade nas obrigações e nas intenções. É verdadeiramente submeter a amizade a muita estreiteza e muita mesquinhez no cálculo de um equilíbrio exato entre receitas e presentes. Em minha opinião, a verdadeira amizade é mais rica e mais pródiga; ela não procura, mesquinhamente, nunca dar mais do que recebeu: pois não se deve ter medo de sofrer algum prejuízo, de ver algum oferecimento desagradar por completo, de se mostrar generoso na medida, com a amizade.

59 Mas a terceira maneira de definir os limites da amizade é a pior de todas, postulando que a estima que cada um tem de si seja a medida da estima que ele inspira a seus amigos. Pois, muitas vezes, há pessoas que têm um ânimo muito abatido, que abandonam muito depressa a esperança de melhorar de situação. É, pois, indigno de um amigo adotar em relação a elas a atitude que adotaram em relação a si mesmas: deve, antes, tentar e conseguir erguer o ânimo oprimido de seu amigo, incutindo-lhe mais esperança e mais fé. É preciso, pois, fixar, de modo diferente, o limite da verdadeira amizade, porém, apresentar, preliminarmente, o princípio que Cipião costumava criticar com ardor. Ele dizia que ninguém poderia exprimir hostilidade mais violenta em relação à amizade do que aquele que disse: "é preciso amar como se estivéssemos dispostos a detestar, um dia". Dizia, ainda, que não podia aceitar que essa máxima fosse atribuída a Bias, como se julgava, já que ele fora considerado sábio, um

septem; impuri cuiusdam aut ambitiosi aut omnia ad suam potentiam revocantis esse sententiam. Quoniam enim modo quisquam amicus esse poterit eius, cui se putabit inimicum esse posse? Quin etiam necesse erit cupere et optare, ut quam saepissime peccet amicus, quo plures det sibi tamquam ansas ad reprehendendum; rursum autem recte factis commodisque amicorum necesse erit angere, dolere, invidere.

60 Quare hoc quidem praeceptum, cuiuscumque est, ad tollendam amicitiam valet. Illud potius praecipitendum fuit, ut eam diligentiam adhiberemus in amicitiiis comparandis, ut ne quando amare inciperemus eum, quem aliquando odisse possemus. Quin etiam, si minus felices in diligendo fuisset, ferendum id Scipio potius quam inimicitiarum tempus cogitandum putabat.

XVIII, 61 His igitur finibus utendum arbitror, ut, cum emendati mores amicorum sint, tum sit inter eos omnium rerum, consiliorum, voluntatum sine ulla exceptione communitas; ut etiam, si qua fortuna acciderit ut minus iustae amicorum voluntates adjuvandae sint, in quibus eorum aut caput agatur aut fama, declinandum de via sit, modo ne summa turpitudine sequatur. Est enim, quatenus amicitiae dari venia possit. Nec vero negligenda est fama, nec

dos Sete Sábios: isso era, antes, uma sentença enunciada por um ser corrupto, ambicioso, habituado a pensar só em seu próprio poder. Com efeito, como ser amigo de um homem de que se pensa poder tornar-se inimigo? Além disso, será necessário, então, desejar e querer que um amigo cometa o maior número de erros possível, para que, de certa maneira, dê mais motivo à crítica; inversamente, as boas ações e as vantagens dos amigos, inevitavelmente, hão de inspirar apreensão, dor, ciúme.

60 Esse preceito, quem quer que seja o seu autor, só serve, pois, para acabar com a amizade. O que, antes, deveria ser estabelecido como princípio seria o de termos bastante cuidado na escolha de nossos amigos, para não começarmos a amar alguém que possamos vir a odiar. E mais, ainda, segundo Cipião, se, por acaso, a nossa escolha não tiver sido muito feliz, será necessário nos resignarmos, em vez de ficarmos pensando nas futuras possibilidades de briga.

XVII, 61 Eis, pois, os limites que, na minha opinião, devem ser respeitados: entre amigos cuja moralidade seja irrepreensível, bens, projetos, anseios, tudo, sem exceção, deve ser posto em comum; e até mesmo, se, por um acaso, alguém tiver de dar o seu apoio aos planos de amigos que não estão nada conformes aos preceitos da justiça, e, assim, estão pondo sua liberdade ou sua reputação em risco, ele pode se afastar um pouco do reto caminho, com a condição, porém, de não cometer nenhum ato desonroso. Pois, até certo ponto, podemos nos mostrar indulgentes com a amizade, mas sem negligenciar o cuidado com nossa reputação e sem precisar desprezar, na atividade

mediocre telum ad res gerendas existimare oportet benevolentiam civium; quam blanditiis et adstantido colligere turpe est; virtus, quam sequitur caritas, minime repudianda est.

62 Sed saepe enim redeo ad Scipionem, cuius omnis sermo erat de amicitia querebatur, quod omnibus in rebus homines diligentiores essent; capras et oves quot quisque haberet, dicere posse, amicos quot haberet, non posse dicere, et in illis quidem parandis adhibere curam, in amicis eligendis negligentis esse nec habere quasi signa quaedam et notas, quibus eos, qui ad amicitias essent idonei, iudicaret. Sunt igitur firmi et stabiles et constantes eligendi; cuius generis est magna penuria. Et iudicare difficile est sane nisi expertum; experiendum autem est in ipsa amicitia. Ita praecurrit amicitia iudicium tollitque experiendi potestatem.

63 Est igitur prudentis sustinere, ut cursum, sic impetum benevolentiae, quo utamur quasi equis temptatis, sic amicitia ex aliqua parte periclitatis moribus amicorum. Quidam saepe in parva pecunia perspicuntur quam sint leves, quidam autem, quos parva movere non potuit, cognoscuntur in magna. Sin vero erunt aliqui reperti, qui pecuniam praeferre amicitiae sordidum existiment, ubi eos inveniemus, qui

política, a arma em que se constitui a simpatia que inspiramos a nossos concidadãos; é desonroso captar essa simpatia com bajulações e condescendências; a virtude, que sabe se fazer amar, essa não deve ser abandonada, de modo nenhum.

62 Mas – e eu volto sempre a Cipião, que, a toda hora, falava da amizade – ele lastimava ver que os homens demonstram mais aplicação em todas as outras coisas do que a propósito da amizade: qualquer um é capaz de dizer o número de cabras e de carneiros que possui, mas não sabe dizer quantos amigos tem; quando se trata de comprar animais, os homens tomam todo cuidado; mas, quando se trata de escolher os amigos, são negligentes, não dispendo, de certa maneira, nem de sinais distintivos nem de marcas características para julgar aqueles que são, de fato, capazes de ter amizade. São aqueles de caráter firme, sólido, constante que se deve escolher: e desses, há muita penúria. Mas é muito difícil julgá-los antes de os ter posto à prova e a prova deve ser tentada na própria amizade. Assim, a amizade antecede o juízo avaliador e tira a possibilidade de os pôr à prova.

63 A prudência consiste, pois, em segurar, como se faz com um carro, o ímpeto da simpatia, em proceder como se faz com cavalos, experimentando, primeiro: do mesmo modo, só haverá amizade, se o caráter dos amigos passou por algum exame. Muitas vezes, diante de uma pequena soma de dinheiro, alguns revelam logo sua fraqueza; alguns, ainda, insensíveis a uma pequena soma, não resistem diante de uma grande quantia. E se existem alguns que consideram uma baixeza colocar o dinheiro antes da amizade, onde é que

honores, magistratus, imperia, potestates, opes amicitiae non anteponant, ut, cum ex altera parte proposita haec sint, ex altera ius amicitiae, non multo illa malint? Inbecilla enim est natura ad contemnendam potentiam; quam etiamsi neglecta amicitia consecuti sint, obscuratum iri arbitrantur, quia non sine magna causa sit neglecta amicitia.

64 Itaque verae amicitiae difficillime reperiuntur in iis, qui in honoribus reque publica versantur; ubi enim istum invenias, qui honorem amici anteponat suo? Quid? Haec ut omittam, quam graves, quam difficiles plerisque videntur calamitatum societates! Ad quas non est facile inventu qui descendant. Quamquam Ennius recte: *Amicus certus in re incerta cernitur*; tamen haec duo levitatis et infirmitatis plerosque convincunt, aut si in bonis rebus contemnunt aut in malis deserunt. Qui igitur utraque in re gravem, constantem, stabilem se in amicitia praestiterit, hunc ex maxime raro genere hominum iudicare debemus et paene divino.

XVIII, 65 Firmamentum autem stabilitatis constantiaeque est eius, quem in amicitia quaerimus, fides; nihil est enim stabile, quod infidum est. Simplicem praeterea et communem et consentientem, id est, qui rebus isdem moveatur, eligi par est, quae omnia pertinent

vamos encontrar pessoas que se recusem a colocar as honrarias, as magistraturas, os comandos, os cargos, a influência, acima da amizade e que, quando se apresentem, de um lado, as vantagens, e do outro, os direitos que a amizade exige, não dêem preferência aos primeiros? Pois a natureza fraqueja quando é preciso desprezar o poder: mesmo se negligenciam a amizade para alcançá-lo, os homens pensam esconder o seu erro sob o pretexto de que tinham boas razões para tal.

64 É por essa razão que é muito difícil encontrar amizades verdadeiras entre os que buscam as honrarias e exercem cargos públicos: com efeito, onde encontrar alguém que prefira ver seu amigo eleito, e não, ele? Mas, para não falar mais nisso, como é penoso e difícil compartilhar as infelicidades dos outros! Não é fácil encontrar alguém que se resigne a tal situação. E, no entanto, Ênio tem razão em dizer:

“O amigo certo se conhece nas situações incertas”. Contudo, em dois casos, pode-se comprovar que a maioria dos homens são culpados de leviandade e de fraqueza: na prosperidade, são desdenhosos, diante da infelicidade, fogem. Portanto, aquele que, em ambos os casos, se mostra um amigo sério, constante, firme, devemos considerá-lo uma espécie bem rara e quase de origem divina.

XVIII, 65 A base da estabilidade e da constância que buscamos na amizade é a sinceridade: com efeito, sem ela, nada é estável. É preciso, ainda, escolher como amigo alguém de temperamento franco, sociável e simpático, isto é, que goste das mesmas coisas que nós. Tudo isso é necessário para que exista a confiança: pois não pode haver sinceridade num temperamento inconstante e

ad fidelitatem; neque enim fidum potest esse multiplex ingenium et tortuosum, neque vero, qui non isdem rebus movetur naturaque consentit, aut fidus aut stabilis potest esse. Addendum eodem est, ut ne criminibus aut inferendis delectetur aut credat oblationibus. Quae pertinent omnia ad eam, quam iam dudum tracto, constantiam. Ita fit verum illud, quod initio dixi, amicitiam nisi inter bonos esse non posse. Est enim boni viri, quem eundem sapientem licet dicere, haec duo tenere in amicitia: primum ne quid fictum sit neve simulatum; aperte enim vel odisse magis ingenui est quam fronte occultare sententiam; deinde non solum ab aliquo allatas criminationes repellere, sed ne ipsum quidem esse suspiciosum, semper aliquid existimantem ab amico esse violatum.

66 Accedat huc suavitas quaedam oportet sermonum atque morum, haudquaquam mediocre condimentum amicitiae. Tristitia autem et in omni re severitas habet illa quidem gravitatem, sed amicitia remissior esse debet et liberior et dulcior et ad omnem comitatem facilitatemque proclivior.

XIX, 67 Exsistit autem hoc loco quaedam quaestio subdifficilis, num quando amici novi, digni amicitia, veteribus sint anteponendi, ut equis vetulis teneros antepondere solemus. Indigna homine dubitatio! Non enim debent esse amicitiarum, sicut aliarum rerum,

tortuoso e aquele que não tem os mesmos gostos que seu amigo nem um temperamento capaz de concordar com o dele não pode ser nem fiel nem constante. Cumpre acrescentar, ainda, que esse amigo não deve ter prazer em lançar acusações nem acolher facilmente aquelas que ouve. Tudo isso tem a ver com a constância, sobre a qual venho falando há muito tempo. Verifica-se, assim, o que eu disse no começo: não pode haver amizade senão entre pessoas de bem. Com efeito, só o homem de bem, que podemos nos permitir chamar também de sábio, é capaz de observar estas duas regras na amizade: primeiramente, evitar tudo o que seja fingido, tudo o que seja simulado; pois um coração franco, até mesmo quando odeia abertamente, é mais nobre do que o fingido, que esconde os seus sentimentos; além disso, não se limitar a rejeitar as acusações feitas por alguém contra seu amigo, mas, também, não ser desconfiado, sempre propenso a acreditar que o amigo seja culpado de algum delito.

66 Acrescente-se a tudo isso brandura nas palavras e no caráter, condimento fundamental da amizade. Um semblante triste e sempre austero tem, certamente, a sua dignidade, mas a amizade deve ser mais tranqüila, mais espontânea, mais suave, mais inclinada a todas as formas de afabilidade e de bondade.

XIX, 67 É aqui que se apresenta um problema um tanto difícil: às vezes, precisamos dar a novos amigos – que mereçam a nossa amizade – preferência em relação aos antigos, da mesma forma que, geralmente, preferimos cavalos mais novos aos velhos. Dúvida não digna de um homem! Quando se trata de amizade, não deve haver, como ocorre em outras coisas, saciedade: a

satietates; veterima quaeque, ut ea vina, quae vetustatem ferunt, esse debet suavissima; verumque illud est, quod dicitur, multos modios salis simul edendos esse, ut amicitiae munus expletum sit.

68 Novitates autem si spem adferunt, ut tamquam in herbis non fallacibus fructus appareat, non sunt illae quidem repudiandae, vetustas tamen suo loco conservanda. Maxima est enim vis vetustatis et consuetudinis. Quin ipso equo, cuius modo feci mentionem, si nulla res impediatur, nemo est, quin eo, quo consuevit, libentius utatur quam intractato et novo. Nec vero in hoc, quod est animal, sed in iis etiam, quae sunt inanima, consuetudo valet, cum locis ipsis delectemur, montuosos etiam et silvestribus, in quibus diutius commorati sumus.

69 Sed maximum est in amicitia superiorem parem esse inferiori. Saepe enim excellentiae quaedam sunt, qualis erat Scipionis in nostro, ut ita dicam, grege. Numquam se ille Philo, numquam Rupilio, numquam Mummio anteposuit, numquam inferioris ordinis amicis, Q. vero Maximum fratrem, egregium

mais antiga, como os vinhos que resistem ao tempo, deve sempre ser mais afetuosa e é bem certo o ditado que diz que para dois amigos cumprirem totalmente o seu papel na amizade, é preciso que tenham comido, juntos, muitos alqueires de sal.

68 Entretanto, se novas amizades, como plantas que prometem e não falham, nos dão a esperança de ver seus frutos, com certeza, não devemos rejeitá-las; mas as antigas devem ter o seu lugar garantido. Pois o poder da antiguidade e do hábito é muito grande. Mesmo em se tratando de um cavalo, como dizíamos há pouco, não há ninguém que não prefira, não havendo nada em contrário, montar o animal com o qual está acostumado e não um cavalo ainda não domado ou completamente desconhecido. E isso não vale apenas para os seres animados: no âmbito do hábito, incluem-se, também, os objetos inanimados, pois há coisas que nos deleitam, ainda que montanhosas e silvestres²³, quando vivemos lá por algum tempo.

69 Na amizade, é da maior importância que nos coloquemos ao nível do inferior. Muitas vezes, há casos de superioridade, como o de Cipião, em meio ao que eu chamaria de nossa grei. Mas jamais ele pretendeu demonstrar qualquer superioridade, seja em relação a Filo, a Rupílio, ou a Múmio, seja aos amigos de nível inferior ao seu. E com relação a seu irmão Quinto Máximo, que embora notável de todos os pontos de vista, nem de longe se comparava a ele, mas tinha mais

²³ Note-se, nesta passagem, um certo desprezo pelas áreas silvestres, pois os romanos valorizavam, sobretudo, a *urbe* e os campos cultivados, que representam elementos civilizatórios – entendidos, aqui, como intervenção humana – que tanto apreciavam.

virum omnino, sibi nequaquam parem, quod is anteibat aetate, tamquam superiorem colebat suosque omnes per se posse esse ampliores volebat.

70 Quod faciendum imitandumque est omnibus, ut, si quam praestantiam virtutis, ingenii, fortunae consecuti sint, impertiant ea suis communicentque cum proximis, ut, si parentibus nati humilibus, si propinquos habeant inbecilliore vel animo vel fortuna, eorum augeant opes eisque honori sint et dignitati. Ut in fabulis, qui aliquamdiu propter ignorationem stirpis et generis in famulatu fuerunt, cum cogniti sunt et aut deorum aut regum filii inventi, retinent tamen caritatem in pastores, quos patres multos annos esse duxerunt. Quod est multo profecto magis in veris patribus certisque faciendum. Fructus enim ingenii et virtutis omnisque praestantiae tum maximus capitur, cum in proximum quemque confertur.

XX, 71 Ut igitur ii, qui sunt in amicitiae coniunctionis, que necessitudine superiores, exaequare se cum inferioribus debent, sic inferiores non dolere se a suis aut ingenio aut fortuna aut dignitate superari. Quorum plerique aut queruntur semper aliquid aut etiam exprobrant, eoque magis, si habere se putant, quod officiose et amice et cum labore aliquo suo factum

idade, Cipião demonstrava o respeito que devemos ter a um superior e de modo geral queria que todos os seus, graças a ele, gozassem de mais consideração.

70 Essa é a postura que todos devem ter e imitar: caso consigam destacar-se pela virtude, pelo talento ou pela riqueza, que distribuam uma parte aos parentes, aos que os cercam; assim, se os pais forem de condição humilde, se alguns parentes forem pouco dotados ou de condição modesta, que aumentem os seus recursos, assegurando-lhes honra e dignidade, como fazem as personagens das peças de teatro: enquanto desconhecem sua origem e sua condição, permanecem na condição de escravos; contudo, mesmo após serem reconhecidos como filhos de deuses ou de reis, continuam a testemunhar o seu amor aos pastores que, durante muitos anos, consideraram como pais. Com maior razão ainda, devemos agir, também assim, em relação a pais legítimos. Pois o talento, a virtude, todas as formas de prestígio, só nos trazem pleno proveito, quando os que nos tocam de perto desfrutam de parte delas conosco.

XX, 71 Em suma, aqueles que, em seu círculo de amizades e de relações, se sentirem com alguma superioridade devem colocar-se em pé de perfeita igualdade com os que lhes são inferiores, e da mesma maneira, os que são inferiores não devem ficar tristes por se verem superados por seus amigos e parentes, em talento, fortuna ou dignidade. Ora, a maioria deles vivem se queixando, ou, até, criticando, sobretudo, quando podem apontar algum gesto, como prova de que fizeram favores, agiram como amigos, tiveram algum trabalho. São detestáveis essas pessoas que

queant dicere. Odiosum sane genus hominum officia exprobrantium; quae meminisse debet is, in quem collata sunt, non commemorare, qui contulit.

72 Quam ob rem, ut ii, qui superiores sunt, summittere se debent in amicitia, sic quodam modo inferiores extollere. Sunt enim quidam, qui molestas amicitias faciunt, cum ipsi se contemni putant; quod non fere contingit nisi iis, qui etiam contemnendos se arbitrantur: qui hac opinione non modo verbis, sed etiam opere levandi sunt.

73 Tantum autem cuique tribuendum, primum quantum ipse efficere possis, deinde etiam, quantum ille, quem diligas atque adiuves, sustinere. Non enim neque tu possis, quamvis excellas, omnes tuos ad honores amplissimos perducere, ut Scipio P. Rupilius potuit consulem efficere, fratrem eius L. non potuit. Quod si etiam possis quidvis deferre ad alterum, viderendum est tamen, quid ille possit sustinere.

74 Omnino amicitiae corroboratis iam confirmatisque et ingeniis et aetatibus iudicandae sunt nec, si qui ineunte aetate venandi aut pilae studiosi fuerint, eos

lançam em rosto aos outros os favores que lhes fazem! Aquele que recebe os favores não os deve esquecer, mas aquele que faz os favores jamais lhe deve ficar lembrando o fato.

72 Assim sendo, quem é dotado de alguma superioridade deve procurar fazer que os amigos não se sintam diminuídos e incutir ânimo nos que lhe são inferiores. Pois há pessoas que tornam essas relações difíceis, imaginando que estão sendo desprezadas; ora, geralmente, isso só acontece com aqueles que, também, se julgam merecedores de desprezo e, neste caso, é preciso tirar-lhes essa idéia da cabeça, procurando não somente convencê-los com palavras, mas, também, com ações.

73 Por outro lado, nossos favores devem ser proporcionais, primeiramente, aos meios de que dispomos, depois, também às capacidades daquele que amamos e queremos ajudar. Com efeito, por mais alto cargo que estejamos ocupando, é impossível promover todos os nossos parentes às magistraturas supremas: Cípião, por exemplo, pôde fazer Públio Rupílio alcançar o consulado, mas não conseguiu fazer o mesmo por Lúcio, irmão de Públio²⁴. E mesmo que possamos conseguir um cargo qualquer para alguém, precisamos, ainda, verificar se ele está apto para tal.

74 De modo geral, só se pode avaliar bem uma amizade depois que se firmaram e confirmaram os temperamentos e as idades: aqueles que, por exemplo, durante a juventude, dedicaram-se à caça ou ao jogo da péla

²⁴ Apesar do apoio de Cípião à candidatura de Lúcio ao consulado, em 147 a.C., este não conseguiu se eleger. Cícero estende às relações políticas os pressupostos de sua concepção acerca da amizade.

habere necessarios, quos tum eodem studio praeditos dilexerunt. Isto enim modo nutrices et paedagogi iure vetustatis plurimum benevolentiae postulabunt; qui negligendi quidem non sunt, sed alio quodam modo aestimandi. Aliter amicitiae stabiles permanere non possunt. Dispare enim mores disparia studia sequuntur, quorum dissimilitudo dissociat amicitias; nec ob aliam causam ullam boni improbis, improbi bonis amici esse non possunt, nisi quod tanta est inter eos, quanta maxima potest esse, morum studiorumque distantia.

75 Recte etiam praecipere potest in amicitia, ne intemperata quaedam benevolentia, quod persaepe fit, impediatur magnas utilitates amicorum. Nec enim, ut ad fabulas redeam, Troiam Neoptolemus capere potuisset, si Lycomedem, apud quem erat educatus, multis cum lacrimis iter suum impediens audire voluisset. Et saepe incidunt magnae res, ut discedendum sit ab amicis; quas qui impdire vult, quod desiderium non facile ferat, is et infirmus est molliusque natura et ob eam ipsam causam in amicitia parum iustus.

76 Atque in omni re considerandum est, et quid postules ab amico et quid patiari a te impetrari.

não se devem considerar ligados por grande amizade aqueles a quem amaram, só porque partilhavam dos mesmos gostos. Pois, dessa maneira, as amas e os preceptores, em nome da antiguidade, reclamarão para si a mais profunda afeição; claro que não devemos esquecer essas amizades, mas devemos avaliá-las de modo bem diferente. Sem essas precauções, os laços de amizade não podem permanecer sólidos. A verdade é que diferentes caracteres conduzem a gostos diversos, o que acaba por desatar os vínculos de amizade e a única razão que impede que haja amizade entre as pessoas de bem e as desonestas e vice-versa é que entre o caráter e o gosto de uns e o caráter e o gosto dos outros existe uma oposição total.

75 Uma outra regra que podemos estabelecer na amizade é a de evitar que uma simpatia desmedida venha, como acontece muitíssimas vezes, impedir que os amigos alcancem as múltiplas e importantes vantagens que seriam normais. Com efeito, voltando novamente ao teatro, Neoptólemo jamais teria conquista do Tróia se tivesse dado ouvidos à recomendação de Licomedes, que o havia criado, quando este, entre outros, tentava impedi-lo de partir. Muitas vezes, há situações graves que obrigam amigos a se separar: quem pretender obstá-lo, sob a alegação de que não poderia suportar a saudade, demonstra fraqueza de caráter e pouca energia e, por isso mesmo, falta de espírito de justiça na vivência da amizade.

76 E assim, em cada caso particular, devemos analisar o que pedimos a um amigo e o que concordaremos em lhe dar.

XXI Est etiam quaedam calamitas in amicitiiis dimittendis non numquam necessaria; iam enim a sapientium familiaritatibus ad vulgares amicitias oratio nostra delabitur. Erumpunt saepe vitia amicorum tum in ipsos amicos, tum in alienos, quorum tamen ad amicos redundet infamia. Tales igitur amicitiae sunt remissione usus eluendae et, ut Catonem dicere audivi, dissuendae magis quam discindendae, nisi quaedam admodum intolerabilis iniuria exarserit, ut neque rectum neque honestum sit nec fieri possit, ut non statim alienatio disiunctioque faciunda sit.

77 Sin autem aut morum aut studiorum commutatio quaedam, ut fieri solet, facta erit aut in rei publicae partibus dissensio intercesserit (loquor enim iam, ut paulo ante dixi, non de sapientium, sed de communibus amicitiiis), cavendum erit, ne non solum amicitiae depositae, sed etiam inimicitiae susceptae videantur. Nihil est enim turpius quam cum eo bellum gerere, quocum familiariter vixeris. Ab amicitia Q. Pompei meo nomine se removerat, ut scitis, Scipio; propter dissensionem autem, quae erat in re publica,

XXI Às vezes, a ruptura das amizades é uma necessidade de inevitável. Portanto, o nosso discurso passa, agora, das amizades entre sábios às amizades comuns. Muitas vezes, manifestam-se em amigos alguns defeitos, que ora lesam os seus próprios amigos, ora lesam estranhos, mas constringendo, ainda, os amigos. Diante de casos como esses, é preciso, então, deixar esfriar as relações para que, pouco a pouco, as amizades se acabem; como dizia Catão, antes descoser do que rasgar, a não ser que uma ofensa absolutamente intolerável tenha magoado tanto, que já não é mais nem lógico, nem honesto, nem possível, impedir que se desenvolva uma antipatia e que o rompimento seja inevitável.

77 E se houver alguma modificação no caráter e nos gostos dos amigos, como sói acontecer; ou se as diferentes posições políticas provocarem uma discórdia (e não estou mais falando, como há pouco, da amizade entre os sábios, mas das amizades comuns), será necessário tomar cuidado para que haja apenas rompimento da amizade, e não pareça que criamos uma inimizade. Não há nada mais infame do que começar a atacar uma pessoa com a qual, antes, convivíamos familiarmente. Como é do conhecimento de vocês, por minha causa, Cipião²⁵ cortou relações com Quinto Pompeu, e a discórdia que reinava entre os políticos o separou de nosso colega Metelo²⁶. Em ambos os casos, ele agiu

²⁵ Quinto Pompeu Nepos não respeitou o acordo feito com Lúlio – a quem prometera seu apoio. Candidatou-se e foi eleito cônsul em 141 a.C., precipitando o rompimento entre ambos.

²⁶ Metelo (também águere, por isso chamado de “colega”), eleito cônsul em 143 a.C., começa a se opor a Cipião, depois da morte de Tibério Graco, sobrevivendo a ruptura da amizade.

alienatus est a collega nostro Metello; utrumque egit graviter, auctoritate et offensione animi non acerba.

78 Quam ob rem primum danda opera est, ne qua amicorum discidia fiant; sin tale aliquid evenerit, ut extinctae potius amicitiae quam oppressae videantur. Cavendum vero, ne etiam in graves inimicitias convertant se amicitiae; ex quibus iurgia, maledicta, contumeliae gignuntur. Quae tamen si tolerabiles erunt, ferendae sunt, et hic honos veteri amicitiae tribuendus, ut is in culpa sit, qui faciat, non is, qui patiat in iuriam.

Omnino omnium horum vitiorum atque incommodorum una cautio est atque una provisio, ut ne nimis cito diligere incipiant neve non dignos.

79 Digni autem sunt amicitia, quibus in ipsis inest causa, cur diligantur. Rarum genus. Et quidem omnia praeclara rara, nec quicquam difficilius quam reperire, quod sit omni ex parte in suo genere perfectum. Sed plerique neque in rebus humanis quicquam bonum norunt, nisi quod fructuosum sit, et amicos tamquam pecudes eos potissimum diligunt, ex quibus sperant se maximum fructum esse capturos.

80 Ita pulcherrima illa et maxime naturali carent amicitia per se et propter se expetita nec ipsi sibi exemplo sunt, haec vis amicitiae et qualis et quanta sit. Ipse enim se quisque diligit, non ut aliquam a se ipse mercedem exigit caritatis suae, sed quod per se sibi

com sobriedade, fazendo uso de sua autoridade e sem deixar que os ânimos se exacerbassem.

78 É necessário, então, procurar evitar as brigas com os amigos e caso venha a acontecer algo parecido, não sufocar a amizade repentinamente, mas deixá-la como que extinguir-se pouco a pouco. Cumpre, igualmente, evitar que ela se transforme em inimizade frontal, causando disputas, injúrias e ofensas. Mas se a inimizade for tolerável, então, o melhor é suportá-la e, em nome da antiga amizade, fazer recair toda a responsabilidade em quem agiu de forma errada e não em quem foi vítima das conseqüências. De qualquer modo, só existe um meio de evitar e prevenir todos os problemas da amizade e todas essas inconveniências: é não deixar a afeição despertar antes da hora, nem concedê-la a pessoas que não a mereçam.

79 Ora, merecem amizade as pessoas cujo íntimo inspira afeto. É uma espécie rara! É verdade; tudo o que é notável é raro, e não há nada mais difícil do que encontrar uma coisa que represente a perfeição máxima em seu gênero. Mas a maioria das pessoas, nos bens que possui, só valoriza aquilo que lhes pode trazer alguma utilidade, e tanto no que se refere aos amigos como aos animais, só dedica profunda afeição se tiver expectativa de auferir grandes vantagens.

80 Agindo assim, essas pessoas não usufruem a amizade de mais bela e mais conforme à natureza, aquela que é um fim em si mesma e que buscamos por seu mérito intrínseco; elas não são capazes de avaliar, por si mesmas, a verdadeira significação da amizade e a sua importância. Com efeito, cada um ama o seu próprio eu, e não é para tirar de si mesmo a recompensa

quisque carus est. Quod nisi idem in amicitiam transferetur, verus amicus numquam reperietur; est enim is, qui est tamquam alter idem.

81 Quod si hoc apparet in bestiis, volucris, nantibus, agrestibus, cicuribus, feris, primum ut se ipsae diligant (id enim pariter cum omni animante nascitur), deinde ut requirant atque appetant, ad quas se applicant eiusdem generis animantes, idque faciunt cum desiderio et cum quadam similitudine amoris humani, quanto id magis in homine fit natura! qui et se ipse diligit et alterum anquirat, cuius animum ita cum suo misceat, ut efficiat paene unum ex duobus.

XXII, 82 Sed plerique perverse, ne dicam impudenter, habere talem amicum volunt, quales ipsi esse non possunt, quaeque ipsi non tribuunt amicis, haec ab iis desiderant. Par est autem primum ipsum esse virum bonum, tum alterum similem sui quaerere. In talibus ea, quam iam dudum tractamus, stabilitas amicitiae confirmari potest, cum homines benevolentia coniuncti primum cupiditatibus iis, quibus ceteri serviunt, imperabunt, deinde aequitate iustitiae gaudebunt, omniaque alter pro altero suscipiet, neque quicquam unquam nisi honestum et rectum alter ab altero postulabit, neque solum content inter se ac diligenter, sed etiam verebuntur. Nam

por esse amor, mas porque o seu eu lhe é caro por natureza. Se não transpusermos esse modelo para a amizade, jamais encontraremos um verdadeiro amigo: pois um amigo de verdade é para o amigo um outro igual a ele.

81 Quanto a isso, é bem visível nos animais, os pássaros, os peixes, os animais selvagens, domesticados ou ferozes, primeiramente, que eles se amam a si mesmos, instinto que já nasce em todos os seres animados, em segundo lugar, que eles buscam e desejam um outro ser de sua espécie, com quem estabelecer relações; e o fazem com certo ardor, mais ou menos como os homens também o fazem. Com estes, aliás, tudo ocorre de maneira muito mais clara e natural, uma vez que amam a si mesmos e, ao mesmo tempo, procuram um semelhante para juntar uma alma à outra, a tal ponto que se fundem tão intimamente que as duas se tornem uma só.

XXII, 82 Mas a maioria das pessoas comete o erro, para não dizer, a impudência, de querer ter um amigo que seja mais do que elas conseguem ser, esperando favores que elas mesmas não dão. Ora, convém, antes de mais nada, ser um homem de bem, e só depois procurar alguém semelhante a si. É entre homens assim que a amizade se torna estável e se consolida, como venho afirmando há tempo, com a condição que os que estão unidos por um bem-querer mútuo, primeiro, dominem as paixões que escravizam os demais, e, além disso, amem a equidade e a justiça, assumam suas mútuas obrigações, não peçam um ao outro senão favores conformes à moral e ao direito, e tenham, não só, estima e afeição um pelo outro, mas,

maximum ornamentum amicitiae tollit, qui ex ea tollit verecundiam.

83 Itaque in iis perniciosus est error, qui existimant lumbinum peccatorumque omnium patere in amicitia licentiam; virtutum amicitia adiutrix a natura data est, non vitiorum comes, ut, quoniam solitaria non posset virtus ad ea, quae summa sunt, pervenire, coniuncta et consociata cum altera perveniret. Quae si quos inter societas aut est aut fuit aut futura est, eorum est habendus ad summum naturae bonum optimus beatissimusque comitatus.

84 Haec est, inquam, societas, in qua omnia insunt, quae putant homines expetenda, honestas, gloria, tranquillitas animi atque iucunditas, ut et, cum haec adsint, beata vita sit et sine his esse non possit. Quod cum optimum maximumque sit, si id volumus adipisci, virtuti opera danda est, sine qua nec amicitiam neque ullam rem expetendam consequi possumus; ea vero neglecta qui se amicos habere arbitrantur, tum se denique errasse sentiunt, cum eos gravis aliquis casus experiri cogit.

85 Quocirca – dicendum est enim saepius –, cum iudicaris, diligere oportet, non, cum dilexeris, iudicare. Sed cum multis in rebus negligentia plectimur, tum

também, respeito: pois suprimir da amizade o respeito é privá-la do que ela tem de mais belo.

83 Estão, pois, perigosamente enganados aqueles que julgam que as paixões e os erros de toda a espécie podem correr à solta na amizade; ela nos foi dada pela natureza para ser a auxiliar das virtudes e não a companheira dos vícios²⁷, para que possibilite à virtude atingir à perfeição, pois, sozinha, não consegue unir-se e associar-se a outros para chegar lá. Sempre que os homens criam, criaram ou se preparam para criar essa união entre si, devemos ver neles a melhor e mais feliz equipe que possa existir, a caminho do bem supremo.

84 A união, insisto, que engloba todos os bens que os homens julgam valer a pena buscar consideração pública, glória, tranquilidade e alegria, e que, quando existe, nossa vida é feliz e quando não, é impossível. E como o sumo bem reside nisso, se quisermos atingi-lo, devemos envidar todos os esforços para chegar à virtude, sem a qual não podemos conseguir nem a amizade nem qualquer um dos bens pelos quais suspiramos; aqueles que julgam ter amigos, e não cuidam da virtude, reconhecem, finalmente, o seu erro, quando uma situação grave os obriga a recorrer a esses amigos.

85 Daí por quê – convém repeti-lo muitas vezes –, antes de concedermos a nossa afeição, devemos fazer uma avaliação e não começar amando para só depois avaliar. Por outro lado, a negligência nos traz aborrecimentos em muitas circunstâncias, sobretudo, quando

²⁷ Esta passagem demonstra, mais uma vez, a convicção de Cícero de que a amizade é fruto da natureza.

maxime in amicis et diligendis et colendis; prae-
teris enim utimur consiliis et acta agimus, quod veta-
mur vetere proverbio. Nam implicati ultro et citro vel
usu diuturno vel etiam officiis repente in medio cur-
su amicitias, exorta aliqua offensione disrumpimus.

XXIII, 86 Quo etiam magis vituperanda est rei maxime
necessariae tanta incuria. Una est enim amicitia in
rebus humanis, de cuius utilitate omnes uno ore
consentiunt. Quamquam a multis virtus ipsa con-
temnitur et venditatio quaedam atque ostentatio esse
dicitur; multi divitias despiciunt, quos parvo conten-
tos tenuis victus cultusque delectat; honores vero,
quorum cupiditate quidam inflammantur, quam
multi ita contemnunt, ut nihil inanius, nihil esse le-
vius existiment! Itemque cetera, quae quibusdam ad-
mirabilia videntur, permulti sunt qui pro nihilo pu-
tent; de amicitia omnes ad unum idem sentiunt, et ii,
qui ad rem publicam se contulerunt, et ii, qui rerum
cognitione doctrinaque delectantur, et ii, qui suum
negotium gerunt otiosi, postremo ii, qui se totos tra-
diderunt voluptatibus, sine amicitia vitam esse nul-
lam, si modo velint aliqua ex parte liberaliter vivere.

87 Serpit enim nescio quo modo per omnium vitas ami-
citia nec ullam aetatis degendae rationem patitur es-
se expertem sui. Quin etiam si quis asperitate ea est

ocorre na escolha de nossos amigos e em nossa con-
duta em relação a eles. Tomamos, então, decisões
tarde demais; nada se faz a seu tempo, contrariamente
ao velho provérbio. Pois já estamos atados por todos
os lados por nossas relações cotidianas ou nossas obri-
gações, e de repente, em pleno trajeto, sobrevém al-
gum atrito que nos faz romper as relações de amizade.

XXIII, 86 Tal negligência é ainda mais censurável, eis
que se trata de um bem absolutamente indispensá-
vel. Com efeito, de todos os bens que interessam ao
homem, a amizade é o único cuja utilidade é unani-
memente reconhecida por todo mundo. Entretanto,
muitos menosprezam até a virtude e dizem que é
alarde ou ostentação; muitos desdenham as riquezas
e sendo capazes de se contentar com pouco, gostam
da simplicidade à mesa e em sua vida: e as honrarias,
cuja paixão inflama certos homens, quantos as des-
prezam, a ponto de acharem que nada é mais vão,
nada mais fútil! Da mesma maneira, todos os outros
bens, admiráveis para certas pessoas, aos olhos de
muitas outras não merecem nenhuma consideração.
Sobre a amizade, por outro lado, todos, sem exceção,
estão de acordo, tanto os que se consagraram à políti-
ca, como os que amam a pesquisa e a ciência, os que
se ocupam de seus negócios, sem se preocupar com os
outros, enfim, os que se entregaram aos prazeres, pen-
sando, todos eles, que não há vida sem amizade, por
menos questão que se faça de viver com dignidade.

87 Pois a amizade se introduz, não sei como, em todas
as existências, jamais permitindo que se construa
uma vida sem ela. E mais, suponhamos, até, alguém
de caráter tão rude e tão selvagem que chega a fugir

et inmanitate naturae, congressus ut hominum fugiat atque oderit, qualem fuisse Athenis Timonem nescio quem acceperimus, tamen is pati non possit, ut non anquirat aliquem, apud quem evomat virus acerbitatis suae. Atque hoc maxime iudicaretur, si quid tale posset contingere, ut aliquis nos deus ex hac hominum frequentia tolleret et in solitudine uspiam collocaret atque ibi suppeditans omnium rerum, quas natura desiderat, abundantiam et copiam, hominis omnino aspiendi potestatem eriperet. Quis tam esset ferreus, qui eam vitam ferre posset, cuique non auferret fructum voluptatum omnium solitudo?

88 Verum ergo illud est, quod a Tarentino Archyta, ut opinor, dici solitum nostros senes commemorare auctivi ab aliis senibus auditum: "Si quis in caelum ascendisset naturamque mundi et pulchritudinem siderum perspexisset, insuavem illam admirationem ei fore; quae iucundissima fuisset, si aliquem, cui narraret, habuisset." Sic natura solitarium nihil amat semperque ad aliquod tamquam administriculum adnoscitur; quod in amicissimo quoque dulcissimum est.

XXIV Sed cum tot signis eadem natura declaret, quid vellet, anquirat, desideret, tamen obsurdissimus nescio quo modo nec ea, quae ab ea monemur, audimus. Est enim varius et multiplex usus amicitiae, multaeque causae suspicionum offensionumque dantur, quas

ao contato dos homens, e detesta-os, como fazia, em Atenas, ao que dizem, um certo Timão: esse alguém não poderá, entretanto, deixar de buscar um outro, junto a quem possa expelir o veneno de sua asperidade. Chegaríamos, facilmente, à mesma conclusão, se fosse possível acontecer que um deus nos tirasse da sociedade e nos colocasse em algum lugar solitário, provendo-nos, em abundância, de tudo o que é indispensável à vida, e nos privasse inteiramente da possibilidade de ver um ser humano: quem seria tão insensível para suportar uma vida assim e não deixar a solidão lhe tirar o gozo de todos os prazeres?

88 É, pois, uma verdade o que Arquitas de Tarento, creio eu, dizia, repetindo, segundo me informaram os anciões de nossa época, que, por sua vez, o tinham ouvido de outros anciões: "Se alguém subisse até o céu, e de lá contemplasse o universo inteiro e a beleza dos astros, não sentiria prazer algum em admirar esse espetáculo e só se alegraria plenamente, se tivesse alguém a quem contar tudo". Assim, também, a natureza tem horror da solidão e procura sempre apoiar-se, por assim dizer, num esteio, e o amigo mais íntimo lhe oferece o mais afável apoio.

XXIV Ora, embora a natureza nos mostre, ainda, por meio de tantos sinais, o que ela quer, o que procura e o que deseja, entretanto, não sei como, nós nos fazemos de surdos aos avisos que ela nos dirige e não ouvimos. Com efeito, as relações de amizade são variadas e múltiplas e oferecem muitos motivos a suspeita e irritação; uma das qualidades características do sábio é saber ora evitá-los, ora atenuar-lhes os efeitos, ora suportá-los. Existe, entretanto, um motivo de irritação,

tum evitare, tum elevare, tum ferre sapientis est; una illa sublevanda offensio est, ut et utilitas in amicitia et fides retineatur: nam et monendi amici saepe sunt et obiurgandi, et haec accipienda amice, cum benevole fiunt.

89 Sed nescio quo modo verum est, quod in Andria familiaris meus dicit:

Obsequium amicos, veritas odium parit.

Molesta veritas, siquidem ex ea nascitur odium, quod est venenum amicitiae, sed obsequium multo molestius, quod, peccatis indulgens praecipitem amicum ferri sinit; maxima autem culpa in eo, qui et veritatem aspernatur et in fraudem obsequio impellitur. Omni igitur hac in re habenda ratio et diligentia est, primum ut monitio acerbitate, deinde ut oburgatio contumelia careat; in obsequio autem – quoniam Terentiano verbo lubenter utimur –, comitas adsit, adsentatio, vitiorum adiutrix, procul amoveatur, quae non modo amico, sed ne libero quidem digna est; aliter enim cum tyranno, aliter cum amico vivitur.

90 Cuius autem aures clausae veritati sunt, ut ab amico verum audire nequeat, huius salus desperanda est. Scitum est enim illud Catonis ut multa: "Melius de quibusdam acerbos inimicos mereri quam eos amicos, qui dulces videantur; illos verum saepe dicere,

cujos efeitos, mais do que qualquer outro, é preciso atenuar, a fim de manter juntos, na amizade, a utilidade e a franqueza: muitas vezes, há avisos que devem ser dados aos amigos e censuras que lhes devem ser feitas e é necessário aceitá-los de bom grado, quando constituem uma prova de amizade.

89 Mas, não sei por que, meu amigo tem razão de dizer, na *Andriana*:

"A complacência granjeia amigos e a verdade granjeia o ódio."

Verdade deplorável essa, se ela gera o ódio, veneno mortal para a amizade; mas a complacência é muito mais deplorável quando sua indulgência para com os erros deixa um amigo correr para o abismo, e a culpabilidade ainda mais grave recai naquele que, ao mesmo tempo, despreza a verdade e deixa a complacência levá-lo a agir mal. Em todos esses casos, então, é preciso estar atento e cuidar que não haja nem rudez nos avisos nem injúrias nas censuras e que a "complacência", uma vez que retomamos de bom grado a palavra empregada por Terêncio, seja acompanhada de amabilidade, e evite a obsequiosidade, auxiliar dos vícios, que não é digna de um amigo e nem mesmo de um homem livre: pois, com um tirano, vive-se de uma maneira, e com um amigo, de maneira muito diferente.

90 Se há pessoas que têm os ouvidos tão bem fechados ao que é verdadeiro, que não podem ouvir um amigo lhes falar a verdade, convém não depositar nenhuma esperança neles. Com efeito, diz Catão, de maneira muito feliz, como geralmente o faz: "Às vezes, é melhor ter amigos cruéis do que amigos que nos parecem cheios

hos numquam." Atque illud absurdum, quod ii, qui monentur, eam molestiam, quam debent capere, non capiunt, eam capiunt, qua debent vacare; peccasse enim se non anguntur, obiurgari moleste ferunt; quod contra oportebat delicto dolere, correctione gaudere.

XXV, 91 Ut igitur et monere et moneri proprium est verarum amicitiae et alterum libere facere, non asperere, alterum patienter accipere, non repugnanter, sic habendum est nullam in amicitia pestem esse maiorem quam adulationem, blanditiam, adsentationem; quamvis enim multis nominibus est hoc vitium notandum levium hominum atque fallacium ad voluntatem loquentium omnia, nihil ad veritatem.

92 Cum autem omnium rerum simulatio vitiosa est – tollit enim iudicium veri idque adulterat –, tum amicitiae repugnat maxime; delet enim veritatem, sine qua nomen amicitiae valere non potest. Nam cum amicitiae vis sit in eo, ut unus quasi animus fiat ex pluribus, qui id fieri poterit, si ne in uno quidem quoque unus animus erit idemque semper, sed varius, commutabilis, multiplex?

93 Quid enim potest esse tam flexibile, tam devium quam animus eius, qui ad alterius non modo sensum ac voluntatem, sed etiam vultum atque nutum con-vertitur?

de doçura: os primeiros, muitas vezes, dizem a verdade, os outros, nunca". A esse respeito, acrescenta-se, aqui, um comportamento absurdo: aqueles que recebem uma advertência não sentem a mágoa que deveriam sentir, mas justamente aquela a que deveriam ser insensíveis; pois o erro que cometeram não os preocupa e as censuras não lhes são agradáveis; deveriam, ao contrário, lamentar o seu erro e aceitar de bom grado a repreensão.

XXV, 91 Então, é próprio da verdadeira amizade dar e receber advertências, dá-las francamente e sem ruidez, recebê-las com paciência e sem mau humor; do mesmo modo, é preciso admitir que não há pior flagelo na amizade do que a adulação, a bajulação, a obsequiosidade: os nomes, podemos multiplicá-los tanto quanto quisermos, mas o que é preciso é estigmatizar esse vício dos seres frívolos e enganadores, que falam sempre para agradar, jamais para dizer a verdade.

92 Ora, se a simulação é um defeito, sob todos os aspectos, uma vez que não deixa apreciar a verdade e a altura, é, sobretudo, com a amizade que ela é, totalmente, incompatível: a simulação destrói a franqueza, sem a qual não há amizade digna desse nome. Pois a amizade consiste, por assim dizer, em fazer de várias almas uma só: como, então, será isso possível, se nem mesmo em cada alma em particular, há unidade e continuidade, e sim, mudança, inconstância, instabilidade?

93 Com efeito, que pode haver de tão variável e tão inconstante como o coração de uma pessoa a quem as opiniões e a vontade alheias ou, simplesmente, a expressão de um rosto e um sinal de cabeça fazem dar meia-volta?

Negat quis, nego; ait, aio; postremo imperavi egomet mihi

Omnia adsentari, ut ait idem Terentius, sed ille in Gnathonis persona, quod amici genus adhibere omnino levitatis est.

94 Multi autem Gnathonum similes cum sint loco, fortuna, fama superiores, horum est adsentatio molesta, cum ad vanitatem accessit auctoritas.

95 Secerni autem blandus amicus a vero et internoscitur tam potest adhibita diligentia, quam omnia fucata et simulata a sinceris atque veris. Contio, quae ex imperitissimis constat, tamen iudicare solet, quid intersit inter popularem, id est adsentatorem et levem civem, et inter constantem, severum et gravem.

96 Quibus blanditiis C. Papirius nuper influebat in aures contionis, cum ferret legem de tribunis plebis referendiis! Dissuasimus nos; sed nihil de me, de Scipione dicam libentius. Quanta illa, di immortales, fuit gravitas, quanta in oratione maiestas! ut facile duces populi Romani, non comitem diceret! Sed adfuistis, et est in manibus oratio. Itaque lex popularis suffragiis populi repudiata est. Atque, ut ad me redeam, meministis, Q. Maximo, fratre Scipionis, et L. Mancino consulibus quam popularis lex de sacerdotiis C. Licini Crassi videbatur! Cooptatio enim

“Dizem não, eu, também, digo não; dizem sim, eu digo sim. Em resumo, eu impus a mim mesmo a obrigação de estar sempre de acordo com tudo”, como diz, ainda, Terêncio, mas, agora, pela boca da personagem Gnaton, um gênero de amigos cuja convivência é sinal de leviandade.

94 Ora, muitas pessoas são parecidas com Gnaton, e se os outros são superiores a elas, em situação, em fortuna, em fama, sua complacência é incômoda, porque, à vaidade de sua linguagem, junta-se a consideração que devem ter.

95 Mas distinguir o bajulador do amigo verdadeiro e reconhecer-lo, se nos aplicarmos, é tão fácil como distinguir falsificação e imitação do original e do autêntico. A assembleia do povo é constituída por pessoas sem nenhuma cultura, entretanto, habitualmente, ela sabe a diferença que há entre o demagogo, isto é, o cidadão complacente e vão, e o cidadão firme, sério e grave.

96 Que bajulações empregava, recentemente, Caio Papírio, para conquistar a audiência da assembleia, ao apresentar sua lei sobre a reeleição dos tribunos da plebe! Nós a combatemos; mas, em vez de falar de mim, prefiro falar de Cipião. Que gravidade, deuses imortais, que majestade ele impôs a seu discurso, conseguindo, facilmente, que o reconhecessem como o guia do povo romano e não como um dos membros desta comunidade! Mas vocês lá estavam e o seu discurso anda por todas as mãos. Portanto, uma lei de inspiração popular foi repelida pelo voto do povo. Para voltar a mim, vocês se lembram, igualmente, como parecia popular a lei sobre as funções sacerdotais que Caio Licínio Crasso apresentou, durante o consulado

collegiorum ad populi beneficium transferebatur; atque is primus instituit in forum versus agere cum populo. Tamen illius vendibilem orationem religio deorum immortalium, nobis defendentibus facile vincebat. Atque id actum est praetore me quinquennio ante, quam consul sum factus; ita re magis quam summa auctoritate causa illa defensa est.

XXVI, 97 Quod si in scaena, id est in contione, in qua rebus fictis et adumbratis loci plurimum est, tamen verum valet, si modo id patefactum et inlustratum est, quid in amicitia fieri oportet, quae tota veritate penditur? In qua nisi, ut dicitur, apertum pectus videas tuumque ostendas, nihil fidum, nihil exploratum habeas, ne amare quidem aut amari, cum, id quam vere fiat, ignores? Quamquam ista adsentatio, quamvis perniciosa sit, nocere tamen nemini potest nisi ei, qui eam recipit atque ea delectatur. Ita fit, ut is adsentatoribus patefaciat aures suas maxime, qui ipse sibi adsentetur et se maxime ipse delectet.

98 Omnino est amans sui virtus; optume enim se ipsa novit, quamque amabilis sit, intellegit. Ego autem non de virtute nunc loquor, sed de virtutis opinione.

do Quinto Máximo, irmão de Cipião, e de Lúcio Man-
cus. Na escolha dos colégios, a cooptação era substi-
tuída pelo favor do povo. Foi ele, ainda, quem tomou
a iniciativa de se voltar para o Fórum ao submeter um
projeto à assembléia do povo. Entretanto, a causa dos
deuses imortais por mim defendida triunfou facil-
mente do seu discurso venal. Isso aconteceu ao tem-
po em que eu era pretor, cinco anos antes da minha
eleição para o consulado: portanto, foi o próprio fun-
do da questão que obtive ganho de causa, e não a
maior autoridade de seu defensor.

XXVI, 97 Portanto, se neste palco, constituído por uma
assembléia popular, onde ficções e esboços ocupam
tanto espaço, ainda assim, prevalece a verdade, des-
de que se revele e seja evidenciada, que dirá, quan-
do se trata da amizade, cujo único critério é a verda-
de e na qual recusar-se a se ver e se mostrar de peito
aberto, como se diz, significa não encontrar mais na-
da de seguro nem de certo, nem mesmo a afeição
que oferecemos ou recebemos, visto que não pode-
mos saber, então, o quanto ela é sincera? Essa com-
placência, entretanto, apesar dos perigos que apre-
senta, só pode prejudicar àqueles que se deixam
seduzir e nela encontram prazer. O que permite aos
complacentes contar com a atenção, principalmen-
te, daqueles aos quais sua própria pessoa inspira
complacência e satisfação.

98 Eu bem sei que a virtude se compraz em si mesma,
pois ela se conhece muito bem, e sabe quanto ela me-
rece esse amor; mas não é da virtude verdadeira que
eu falo aqui, é da idéia que o homem faz dela. Pois os
que a querem ter, na verdade, não são tão numerosos

Virtute enim ipsa non tam multi praediti esse quam videri volunt. Hos delectat adsentatio, his fictus ad ipsorum voluntatem sermo cum adhibetur, orationem illam vanam testimonium esse laudum suarum putant. Nulla est igitur haec amicitia, cum alter verum audire non vult, alter ad mentiendum paratus est. Nec parasitorum in comoediis adsentatio faceta nobis videretur, nisi essent milites gloriosi.

Magnas vero agere gratias Thais mihi?

Satis erat respondere: "magnas"; "ingentes," inquit. Semper auget adsentator id, quod is, cuius ad voluntatem dicitur, vult esse magnum.

99 Quam ob rem, quamquam blanda ista vanitas apud eos valet, qui ipsi illam adlectant et invitant, tamen etiam graviores constantioresque admonendi sunt, ut animadvertant, ne callida adsentatione capiantur. Aperte enim adulantem nemo non videt, nisi qui admodum est excors; callidus ille et occultus ne se insinuet, studiose cavendum est; nec enim facillime adgnoscutur, quippe qui etiam adversando saepe adsentetur et litigare se simulans blandiatur atque ad extremum det manus vincique se patiat, ut is, qui illius sit, plus vidisse videatur. Quid autem

quanto os que querem fazer parecer que a tem. São estes últimos que encontram prazer na complacência, e quando lhes dirigem palavras inspiradas apenas pelo desejo de agradá-los, eles acham que essa conversa vã comprova verdadeiramente o seu mérito. Portanto, nenhuma amizade é possível entre duas pessoas, se uma delas não quer ouvir a verdade e a outra está sempre pronta a mentir. Os parasitos das comédias não nos pareceriam engraçados em sua complacência, se não houvesse soldados fanfarrões.

"É mesmo muito obrigada que Thais está me dizendo?" Bastava responder: "Sim, muito obrigada". Mas ele (Gnaton) responde: "Muitíssimo". Os complacentes sempre exageram o que a pessoa a quem pretendem agradar deseja que aumente.

99 Nessas condições, embora essa mentira obsequiosa influencie, sobretudo, aqueles que a provocam e a pedem, é preciso avisar até mesmo as pessoas mais sérias e mais equilibradas que tomem cuidado para não se deixarem enganar pela esperteza da complacência. Quando o bajulador age abertamente, nós percebemos logo, a menos que sejamos muito tolos; mas se for esperto e se esconder, é preciso prestar muita atenção para não deixá-lo insinuar-se. Não é muito fácil reconhecê-lo, visto que, muitas vezes, chega, até, a contradizer para comprazer, fingir que discute só para lisonjear e, depois, parar com a brincadeira, confessar que foi convencido, para dar à pessoa a quem ele enganou a ilusão de que ela viu mais longe. Ora, que há de mais vergonhoso do

turpius quam inludi? Quod ut ne accidat, magis cavendum est.

Ut me hodie ante omnes comicos stulto senes Versaris atque illusseris lautissime.

- 100 Haec enim etiam in fabulis stultissima persona est inprovidorum et credulorum senum. Sed nescio quo pacto ab amicitiiis perfectorum hominum, id est sapientium (de hac dico sapientia, quae videtur in hominem cadere posse), ad leves amicitias deflexit oratio. Quam ob rem ad illa prima redeamus eaque ipsa concludamus aliquando.

XXVII Virtus, virtus, inquam, C. Fanni, et tu, Q. Muci, et conciliat amicitias et conservat. In ea est enim convenientia rerum, in ea stabilitas, in ea constantia; quae cum se extulit et ostendit suum lumen et idem aspexit agnovitque in alio, ad id se admovet vicissimque accipit illud, quod in altero est; ex quo exarscit sive amor sive amicitia; utrumque enim dictum est ab amando; amare autem nihil est aliud nisi eum ipsum diligere, quem ames, nulla indigentia, nulla utilitate quaesita; quae tamen ipsa exflorescit ex amicitia, etiamsi tu eam minus secutus sis.

- 101 Hac nos adulescentes benevolentia senes illos, L. Paulum, M. Catonem, C. Galum, P. Nasicam, Ti. Gracchum, Scipionis nostri socerum, dileximus. Haec etiam magis elucet inter aequales, ut inter me

que ser enganado? Para evitá-lo, é preciso ter muita cautela.

“Como, hoje, por tuas tramas, eu vou ser, Mais do que todos esses tolos anciões de comédia, Trapaceado e ridicularizado, sem consideração alguma!”

- 100 Com efeito, mesmo no teatro, é dos mais tolos o papel dos anciões imprevidentes e crédulos. Mas, não sei como, partindo da amizade que une os homens perfeitos, isto é, os sábios – a sabedoria de que eu falo é aquela que pode caber por sorte ao homem – nossa conversa foi parar nas vãs amizades. Voltemos, pois, ao nosso ponto de partida e concluamos, enfim.

XXVII Eu digo a você, Caio Fânio e a você, também, Quinto Múcio, que é a virtude, sim, a virtude que une e mantém os laços de amizade. Pois ela garante a harmonia, a estabilidade e a constância: uma vez que a virtude se revelou e brilhou em alguém, e ela percebeu e reconheceu um brilho semelhante numa outra pessoa, aproxima-se dela e como recompensa, participa das qualidades que esta possui; e acende-se assim, tanto a chama do amor como a da amizade. Pois as duas palavras derivam do verbo amar, e amar nada mais é do que sentir afeto pelo ser que se ama, sem pensar em necessidade de um, ou proveito do outro, apesar de que, o proveito, mesmo se não o procuramos, vem por si, como resultado da amizade.

- 101 Quando éramos adolescentes, é um afeto assim que sentíamos pelos anciões da época, Lúcio Paulo, Marco Catão, Caio Galo, Públio Násica e Tibério Graco, sogro de nosso caro Cipião. Com pessoas da mesma idade, esse afeto manifesta-se ainda mais

et Scipionem, L. Furium, P. Rupilium, Sp. Mummi-um. Vicissim autem senes in adulescentium caritate adquiescimus, ut in vestra, ut in Q. Tuberonis; equidem etiam admodum adulescentis P. Rutili, A. Vergini familiaritate delector. Quoniamque ita ratio comparata est vitae naturaeque nostrae, ut alia ex alia aetas oriatur, maxime quidem optandum est, ut cum aequalibus possis, quibuscum tamquam e carceribus emissus sis, cum isdem ad calcem, ut dic-
citur, pervenire.

102 Sed quoniam res humanae fragiles caducaque sunt, semper aliqui anquirendi sunt, quos diligamus et a quibus diligamur. Caritate enim benevolentiaque sublata omnis est e vita sublata iucunditas. Mihi quidem Scipio, quamquam est subito ereptus, vivit tamen semperque vivet; virtutem enim amavi illius viri, quae exstincta non est. Nec mihi soli versatur ante oculos, qui illam semper in manibus habui, sed etiam posteris erit clara et insignis. Nemo umquam animo aut spe maiora suscipiet, qui sibi non illius memoriam atque imaginem proponendam putet.

103 Equidem ex omnibus rebus, quas mihi aut fortuna aut natura tribuit, nihil habeo, quod cum amicitia Scipionis possim comparare. In hac mihi de re

intensamente, como o que existia entre mim e Cipião, Lúcio Fúrio, Públio Rúpílio e Spúrio Múmio. Quando ficamos velhos, nós nos comprazemos na afeição dos jovens, como na de vocês, e na de Quinto Tuberão; no que me diz respeito, eu ainda gosto de estar na companhia de jovens adolescentes, como Públio Rútílio ou Aulo Vergínio. E como nossa vida e nossa natureza estão dispostas de maneira tal que uma geração suceda à outra, é de todo desejável que possamos seguir os passos das pessoas de nossa idade, aquelas que, de certa maneira, deram a largada ao mesmo tempo que nós, e cruzar com elas, como se diz, a linha de chegada.

102 Mas como tudo o que se relaciona ao homem é frágil e perecível, devemos sempre andar em busca de alguém a quem amar e por quem ser amado. Pois uma vida privada de afeição e de simpatia é uma vida sem graça nenhuma. Para mim, embora Cipião me tenha sido repentinamente arrebatado pela morte, ele vive ainda e viverá sempre: pois o que eu amei foi sua virtude e essa não morreu. Aliás, não sou somente eu que a tenho constantemente diante dos olhos, eu que sempre a conheci de perto; para a posteridade, ela ainda conservará a mesma claridade e o mesmo brilho. Jamais alguém conceberá uma grande empresa ou uma grande esperança sem evocar a lembrança de Cipião e sem ter sempre presente o exemplo que ele deixou.

103 Quanto a mim, entre todos os bens que me foram concedidos pela sorte ou pela natureza, não há nada que se possa comparar à amizade de Cipião. Nessa amizade, encontrei uma perfeita concordância de

publica consensus, in hac rerum privatarum consilium, in eadem requies plena oblectationis fuit. Numquam illum ne minima quidem re offendi, quod quidem senserim, nihil audiui ex eo ipse, quod nollem. Una domus erat, idem victus, isque communis, neque solum militia, sed etiam peregrinationes rusticationesque communes.

104 Nam quid ego de studiis dicam cognoscendi semper aliquid atque discendi? In quibus remoti ab oculis populi omne otiosum tempus contrivimus? Quarum rerum recordatio et memoria si una cum illo occidisset, desiderium coniunctissimi atque amantissimi viri ferre nullo modo possem. Sed nec illa extincta sunt alunturque potius et augentur cogitatione et memoria mea, et, si illis plane orbatus essem, magnum tamen adfert mihi aetas ipsa solacium. Diutius enim iam in hoc desiderio esse non possum. Omnia autem bravia tolerabilia esse debent, etiamsi magna sunt.

Haec habui de amicitia quae dicerem. Vos autem hortor, ut ita virtutem locetis, sine qua amicitia esse non potest, ut, ea excepta, nihil amicitia praestabilius putetis.

idéias em política, sábios conselhos para os meus negócios particulares, uma tranquilidade prazerosa. Jamais o magoei no que quer que fosse, pelo menos que eu tenha percebido; e jamais ouvi de sua boca uma palavra menos agradável. Tínhamos a mesma casa, os mesmos gêneros de vida, tudo era comum entre nós, não somente o tempo que passamos juntos no exército, mas também nossas viagens e nossas estadas no campo.

104 Que direi, então, de nosso gosto comum pelo estudo e de nossa vontade de saber ou aprender sempre algo de novo, que nos afastavam dos olhares do público e ocupavam todos os nossos momentos de lazer? Se a recordação desses fatos e a lembrança que deles eu guardo tivessem desaparecido com ele, eu não poderia, de maneira alguma, suportar a dor de ter perdido um amigo tão ligado a mim e que eu amava tanto. Mas nada disso morreu, tudo é mantido e exaltado pelos meus pensamentos e pelas minhas lembranças; e ainda que deles eu viesse a ser privado, a minha idade, pelo menos, é para mim um motivo de consolo. Pois eu não posso sentir por muito mais tempo ainda essas saudades, e toda impressão, por mais breve que seja, deve ser fácil de suportar.

É o que eu tinha a dizer sobre a amizade. Eu os exorto, pois, a dar à virtude, sem a qual não pode haver amizade, um valor tal, que vocês considerem que, a não ser ela, não há nada superior à amizade.

Estão, pois, perigosamente enganados aqueles que julgam que as paixões e os erros de toda a espécie podem correr à solta na amizade; ela nos foi dada pela natureza para ser a auxiliar das virtudes e não a companheira dos vícios, para que possibilite à virtude atingir a perfeição, pois, sozinha, não consegue unir-se e associar-se a outros para chegar lá.

Itaque in iis perniciosus est error, qui existimant libidinum peccatorumque omnium pater in amicitia licentiam; virtutum amicitia adiutrix a natura data est, non vitiorum comes, ut, quoniam solitaria non posset virtus ad ea, quae summa sunt, pervenire, coniuncta et consociata cum altera perveniret.

ISBN 85-7472-129-7



9 788574 152129